

As águias de Roma foram se aproximando com os peitos enfunados nas velas das quarenta e cinco trirremes cheias de rangidos e flâmulas, balançando-se nas ondas, avançando as proas entre ruídos de centopéias de remos, rumor de tambores, deixando rastros na água e no alvoroço das gaivotas, no ar. Lucas, de longe, atirou uma pedra e um mastro se quebrou, emaranhado de cordas. A infantaria vinha na praia, de avanço cerrado. E Lucas viu a muralha: ela vinha de lá dos confins do mar, encastelava-se montanha acima / como a da China / e sumia-se por trás das cordilheiras. Não havia para onde fugir. Na muralha não havia portas. E Lucas não sabia se as trirremes e o exército o acuavam ou se se dirigiam para a cidade — que era Jerusalém, isso sabia — sob um cerco definitivo. E foi quando se aproximou mais da parede que viu o velho — e o velho era Platão. O ritmo dos tambores de guerra, no entanto, nem o enxaguar dos remos se acelerando, permitiam hesitações. Mas fazer o quê? Nesse ínterim, porém, o velho se ajoelhou diante do muro e pressionava com as pontas dos dedos um de seus blocos de cantaria, como se eles não estivessem chumbados, mas apenas engavetados uns nos outros. E removeu-o!: com um movimento mais enérgico descalafetou-o e já o deslocava de um lado para o outro, puxando-o. As primeiras das quarenta e cinco trirremes atiraram as âncoras e levantaram de vez as três ordens superpostas de remos, fazendo um imenso trááá para se entravarem numa ordem só, no ar. As tripulações, enquanto isso, numa atividade de emergência, vergavam as catapultas que concheavam petardos enormes. Em terra, o exército se aproximava engrenado, retesando os arcos, prestes a produzir uma chuva de crivos de um momento para o outro. “Passe”, disse o velho. Lucas olhou-o e, surpreso, viu a passagem aberta no muro. Curvou-se e, como se fosse montar num cavalo, propôs-se a passar por ela. “E o senhor não vem?” perguntou-lhe, imobilizando-se. “Não: só você. Passe logo”.

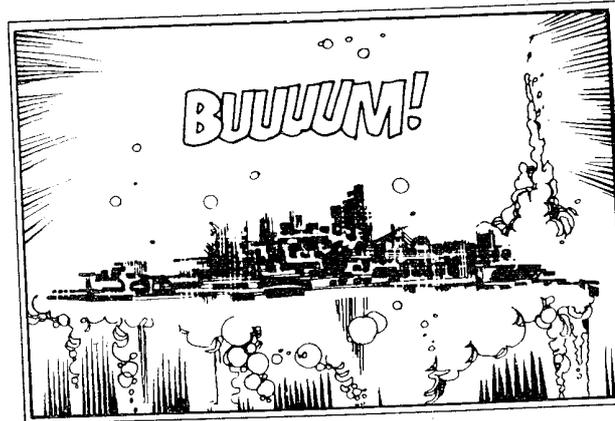
Mas na verdade fui eu, e não Lucas, quem passou em sonhos pela brecha na muralha, quando comecei a me inquietar com o problema que é o Cristo. Não pude distinguir, de imediato, as bases da cordilheira que, conforme vi, apresentava um

mesmo resultado sólido acima do nevoeiro: em cada saliência, nos picos, um grande rosto adormecido, talhado na rocha, sorrindo em paz.] Espantei-me ao ver, anos depois, a fotografia desses rostos numa revista da Unesco. “Rostros por todas las partes”, dizem os textos dos arqueólogos sobre o reino de Khmer, no Camboja. E impressionou-me sobretudo a frase: “Se trata de una innovación del gran rey budista Jayavarman VII (INNOVACIÓN QUE CORRESPONDE A LA GRAN REFORMA RELIGIOSA EMPREENDIDA POR ÉL)”.] Comecei a andar pelo vale, até sentir que estava atravessando uma cidade que não existia, ou que não mais existia.] Coloquei depois, quando escrevia este livro, Marcos dizendo: “Talvez você estivesse em algo semelhante ao que os franco-maçons chamam de Agartha, Lucas. Esse Agartha, segundo eles, é o misterioso reino subterrâneo, o centro... iniciático, onde residiriam eternamente vivos os Mestres do Mundo. Dizem, justamente, que esse centro é invisível, inacessível à nossa percepção”. E fiz Marcos continuar dizendo aquilo que surpreendeu a mim, e não a Lucas: “Ali, onde você certamente esteve nesse sonho, segundo os franco-maçons mesmo, é o lugar onde termina a tirania do Deus dos Hebreus, Adonai, e onde é possível, sem perecer, alimentarmo-nos dos frutos da árvore da ciência”. “Diga mais, diga mais” pediu Lucas, sumamente interessado. “Bom, o que mais?” Marcos procurou se lembrar. “Bem: lá, eu soube, é o lugar onde se encontra o túmulo do Desconhecido, do PRIMEIRO-QUE-NASCEU-NA-TERRA”.] Quando li essa informação num desses livros esotéricos que surgem de roldão por aí, tive um estremecimento. Felizmente isso já é mais ou menos explicável, graças a Jung. Segundo ele, dentro de cada indivíduo existiriam imagens primordiais — arquétipos — que aflorariam à nossa superfície apenas em forma de sonhos — como esse — de mitos, e de arte (e é por isso que estou escrevendo). E, de fato, eu sentia que não era eu o gênio motor que produzia tudo aquilo. Sentia que tinha entrado numa espécie de... memória do mundo, numa espécie de... imaginação exterior... e independente de mim mesmo. Eu estava num daqueles que Jung chamava de Grandes Sonhos. E tive outros.

Num deles eu me vi numa rua de Nova York. Na versão original deste livro juntei esse sonho ao que Lucas tivera, da passagem da muralha. Em vez de Nova York botei Jerusalém como que já desaparecida no desastre de 70. Lucas andava na calçada, normalmente, através de um tráfego intenso de mulheres, até que chegou a uma constatação que o fez esquecer de tudo o mais, embora não percebesse, no Lucas que via caminhar na rua, nenhuma demonstração de espanto: “Mas eu estou sonhando!...” descobri. Houve uma brusca mudança de ponto de vista. Lucas percebeu que não era mais aquela inteligência fora do corpo: olhava em frente agora, a partir dos olhos do Lucas de sempre. “Logo”, deduzi, tudo isso que estou vendo é pura imaginação!” Olhou para um, depois para outro rosto no meio do mulherio, extasiado com sua capacidade de inventar seres tão absolutamente reais. Por fim, agitado, marcou, entre as que vinham de longe, uma mulher bonitona, de cabeça baixa, concentrada em si mesma como se tivesse realmente um mundo interior. Prosseguiu no passo inalterado e a viu, minuciosamente, quando ela passou ao seu lado. Ela passou por ele sem olhá-lo e ele se voltou. “Não deu sequer por meu interesse e se foi embora como se tivesse uma existência completamente autônoma!” Nós somos ge-ni-ais!” concluí no sonho. Perplexo; acordei entendendo que tivera uma Revelação. Lucas, entretanto, não acordou. Viu do outro lado da grande praça — continuando um outro sonho meu — uma casa que desconfiou ser um templo. Ao lado, uma barragem derramava água. Liguei isso com a visão que João disse ter tido depois, em Patmos, ao escrever o “Apocalipse”: “Talvez aquela fosse a água da vida, que o anjo”, disse ele, “mostrara na Jerusalém Celestial”. E volta o Camboja: “He ahí constituído ya el sistema urbano khmer: un baray alimenta los fosos de la ciudad, en forma de templo-montaña”. Entrei no salão do templo e vi que era todo de madeira. E o curioso é que as construções de khmer, embora sejam todas em pedra, revelam técnica de carpinteiros, conforme a revista da Unesco. Apareceu-me então Voltaire, mas no livro botei Platão, meio vestido de frade. Ouvi claramente quando ele disse “Venham”. Voltei-me e vi meu pai. No livro

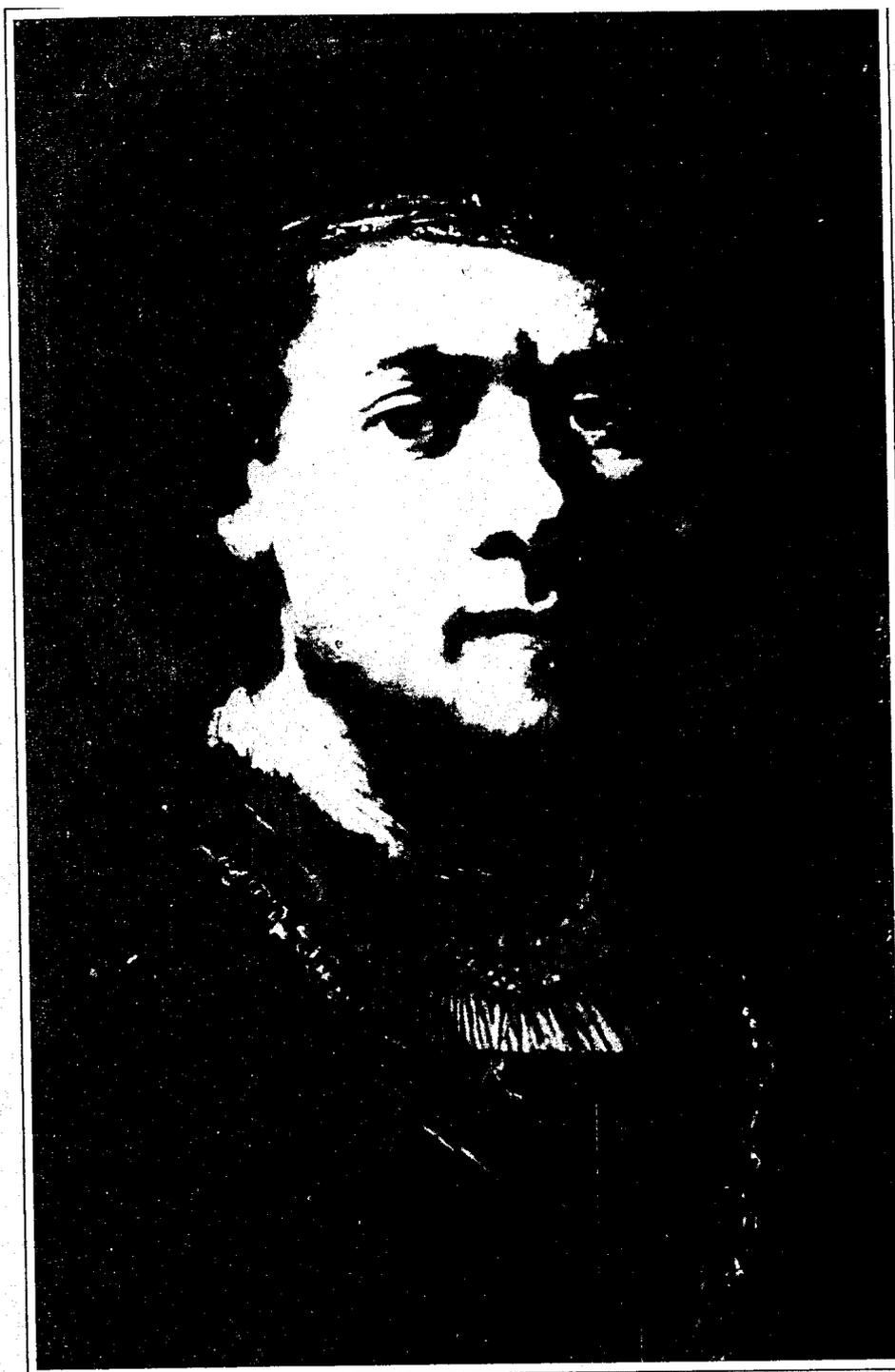
botei Mateus. Platão, portanto, abriu-me a porta para uma sala que não tinha nada, a não ser um cadáver deitado junto da parede, do outro lado, debaixo da janela por onde entrava uma claridade mortiça. “O TÚMULO DAQUELE QUE NASCEU PRIMEIRO NA TERRA!” fiz Marcos dizer deslumbrado. Atravessamos o salão, Voltaire, meu pai e eu. “Olhem que perfeição”, disse-nos o velho, mostrando o cadáver. “É santa fulana (eu não me lembro do nome)”. “Santa??” eu disse, “Mas se é um homem!” E ali estava o corpo que eu jurava ser o de Cristo e de santa coisa nenhuma. Ao registrar esses sonhos — que foram meus primeiros escritos literários — compreendi, de repente, que o cadáver vivo era o Auto- Retrato Do Artista Com A Barba Nascente, de Rembrandt, que eu vi no Museu de Arte de São Paulo, e que me causou poderosa impressão quando eu era menino. Fiz Marcos dizer: “Por isso então foi que o velho disse a vocês Olhem que perfeição”. “Correto”, disse Lucas. Mas depois li, no “Corpus Hermeticum”, de Hermes Trismegistos, a fala do guia dizendo ao iniciado: “Viste no Noûs a forma arquetípica, o pré-princípio anterior no começo sem fim”. Ora: esse Noûs, segundo o livro, era macho e fêmea! Como o cadáver! — constatou João. Como o cadáver — Lucas repetiu. E Voltaire se baixou para o corpo ao me ver duvidando de que se tratava de uma mulher. Disfarçou um pouco, alisando os braços dele e, repentinamente, abriu-lhe o manto sobre o peito, descobrindo-lhe os seios / por sinal feios. Meu pai se agachou e passou a mão ávida neles. E eu, furioso, empurrei-o, levantei o roupão do que eu achava que era mesmo o Cristo e montei-o, penetrando-lhe duramente a vagina, olhando-o nos olhos abertos, empalando-o, certo de que os iria ver piscando, se movendo, dando um sinal de vida. Botei Marcos tentando esclarecer aquilo tudo: “Li, nas Metamorfoses do Diabo, de Lefebvre, que o Gênesis dos hebreus atribui ao Príncipe do Mal o espanto com que se inaugura o conhecimento, a própria procura do conhecimento, ao mesmo tempo que a ligação entre o gozar e o conhecer. Você estava procurando ‘conhecer’ o Noûs.” “Eu acho que foi isso” — disse Lucas. “Mas deixe-me terminar: penetrei-o, mas o rosto de Rembrandt, de

Cristo, Adão-Eva, Noûs ou fosse lá o que fosse, continuou impassível, sim, mas senti os músculos de seu sexo apertando o meu com volúpia, manipulando-o vivamente, como se o ordenhasse”. “Ah, você foi bem recebido”, disse Marcos. “Não sei”, disse Lucas: eu senti que o gozo vinha chegando, naquela comunicação secreta entre nós dois. Acelerei os movimentos, apertando-o mais pelos ombros, fixo nos seus olhos negros “Você está vivo, você está vivo!”, eu dizia, já respirando entrecortadamente, certo de que iria vê-lo se mexer quando ele também gozasse. E, não suportando mais reter o prazer terrível, de um arranco penetrei-o mais fundo, grunhindo, meu corpo inteiro se contraiu para ejacular e, quando isso aconteceu, um terremoto sacudiu tudo, com um grande rumor!



COMO SAÍDOS DE UM PESADELO,
OS HABITANTES DO QUARTO PLANETA
DAS PLEIADES RETORNAM
A VIDA.





9 E SÓ ENTÃO É QUE SE LÊ que a Virgem trabalhava numa das dezessete mil e quinhentas máquinas singers da fábrica em que, três dias antes, um líder operário misteriosamente caíra do alto da oficina / como se Adão pudesse cair do teto da Sistina. Ela “reviu” o espaço e a queda, o berro e o baque, o corpo troncho e inchado, o cinturão arrebitado, meia cara metida no chão, um sapato solto (classicamente) a um metro e quê de seu pé, o relógio vidrado na hora do tombo, em seu pulso. A Virgem parou de pedalar, puxou o macacão no qual pregava um bolso com a sigla da estrada de ferro, e torou a linha com os dentes. Olhou, pelos vãos do vitrô, lá para fora, preocupada com o marido, tão gentil que ainda não a tocara, embora todo judeu para um romano fosse um terrorista em potencial. Ela viu a cidade (muito menor do que agora, imaginou Mateus) cheia de nostálgicos terrenos baldios, como os de New York dos tempos de Chaplin — e, logo adiante, os meandros de um rio cortando a floresta em bosques verdinhos — a distância liliputiniando camponeses, vaquinhas, ovelhinhas, lobinhos, bandeirolas, cerquinhas. O teto da oficina de carpinteiro. Ela cruzou a vista verticalmente por sete escalas do vitrô e viu, lá em cima, um zepelin romano que pairava, espionando, entre pássaros que voavam, alguns parados no ar com as asas cheias dos tiques dos equilibristas. Olhou em seguida para o grande retrato do Imperador Divinizado, ao fundo da oficina. De um modo estranho, começaram a se fazer ouvir centenas de vozes de um coro. Gradativamente, as dezessete mil e quinhentas operárias pararam de trabalhar e se ergueram assombradas. E de repente o teto da fábrica se abriu ruidoso, como se sobre roldanas, em duas bandas. Houve gritos e corre-corre. Névoas se moveram como véus lá em cima, e um duplo daquele som de coros cantando se espalhou pelas bilhas, jarras, potes, copos, talheres e aparelhos sanitários de toda a cidade. Os guardas apareceram e ficaram sem saber o que fazer, com as armas nas mãos, vendo o teto aberto e um delírio de alegria — de anjos, arcanjos, serafins e querubins que desciam cantando a Ave-Maria de Bach-Gounod. O chão da fábrica ficou transparente e, sob ele, surgiu um campo de

florinhas nos vazios deixados pelas moças agrupadas nos cantos, maravilhadas e apavoradas — as florinhas não como se existissem ali — mas fossem memória dos primeiros dias da Criação. As paredes também se abriram e fidalgos entraram, acompanhando reis imensos, semelhantes a Bórgias (“Os Magos”, sugeriu Lucas: “eles estão sempre nos mitos”) os Magos, que acenavam para os anjos, seguindo o desenrolar dos tapetes vermelhos, até próximo de onde estava a Virgem, a única que não corra, cercada pelos arqueiros armados de bestas e espadas-punhais, cada um com a barba de Guevara, o gorro vermelho com uma flecha doirada fincada de través. A zoadá engolfou-se no silêncio, até o tampo aberto, lá em cima. Algumas centenas de anjinhos se aproximaram velejando pelo claro da luz e os três reis se ajoelharam à meia distância. Mateus observou que o cetim de um deles, do que ficara à esquerda, escorregou-se-lhe liso dos ombros em silêncio, como um metal mole e quieto, moldável, no chão, entre as florinhas. Os arcanjos vieram arfando as asas e cercaram a Virgem, tirando-lhe a blusinha de lã, depois a de algodãozinho com o emblema do Império, e a saia. Ela então se baixou, submissa, estendendo as mãos para a barra da combinação e seus braços em xis se encolheram e o tecido subiu, enchendo-se de rugas, revelando-lhe as coxas, calcinhas, seu ventre alvo, seus braços subindo mais e mais, e os anjos e as operárias e os guardas e os reis e os fidalgos (e os quatro no teatro) lhe viram o sutiã, o colo, o queixo e os cabelos dela tombarem — manchas em movimento — pois todos os olhares só lhe percorriam para cima e para baixo, de seu colo às coxas. Ela jogou a combinação para o anjo que já lhe segurava a saia e a blusa. Depois desatacou o sutiã por trás e trouxe para a frente seus bojos cobertos de costuras e rendas. Seus seios: formas tépidas e perfeitas. Ela baixou as calcinhas e os anjos e as operárias e os reis e os fidalgos (e Mateus) sorriram felizes ao verem surgir o ângulo de sua virilha, suave, liso, a sua bissetrizinha pura. Os anjos se afastaram e, à medida que abriam caminho, veio, entre eles, Deus, que fascinou às operárias, másculo e belíssimo — como Tyrone Power — e segurava um lírio — as omoplatas largas desenvolvidas num surpreendente par de

asas. Ele se aproximou da Virgem e, para tocá-la, à medida que se chegava, consolidava-se nos contrastes de luz e sombra, ganhando nervos e ossos, a força humana e o peso. Mais os detalhes: pés seriam incríveis sem os impulsozinhos iguais de molas, dos dedos, quando se anda. E então a bela e o belo se atraíram mutuamente. Toda a fábrica percebeu que o momento era sagrado. Os gêmeos (como em todos os mitos solares): Cristo, o Filho de Deus, como seria chamado, e Barrabás — cujo nome significa o Filho do Pai — iriam naquele momento iniciar sua gestação. O arcanjo se dirigiu à Virgem, que entreabriu os lábios, semicerrando os olhos. Houve um lento / acoplamento / de bocas, depois que a boca de Gabriel Gary Gardel se tornou na de Juan Ramón, poeta, sussurrando:

— Que mi palavra sea
la cosa misma
creada por mi alma nuevamente.

Então Deus — bilhões de anos antes — abriu a boca e, de dentro dela, numa temperatura terrível, se expandiu a Palavra — o Cristo — para o vazio, num vapor primordial — sem moléculas nem átomos — só nêutrons livres e borbulhantes, num caos, como a ciência supõe. Ou, segundo o Livro da Sabedoria: Saiu Um Vapor Da Virtude De Deus, Emanação Da Claridade De Deus — ou ainda: Um Clarão Da Luz Eterna — e a Sabedoria — o Cristo — se espalhou numa velocidade vertiginosa, fazendo de seus próprios agregados, do mistério que se convencionou chamar de nêutrons condensados, serem emitidos elétrons, criando massas numa proporção $M = E/C^2$, gerando uma geometria espacial em que se concentraram esparsos caroços euclidianos — planetas, cometas, gametas.

E um corpo de barro começou a se rachar um pouco no ventre e a se dobrar ao meio. Seus braços se dobraram ao meio. Seus pulsos, pescoço, os dedos, joelhos, tornozelos, se dobraram e se desdobraaram, desemperrando-se.

João desandou a dizer, nervoso:

— Agora imaginem a Mente, ainda infinita, ele, o Cristo, aterrando-se ao se dar, somente nesse instante, conta de sua condição, trancado dentro desse corpo. Creio que gritaria claustrofóbico, quase louco. Que apertaria a cabeça com as mãos, que a esmurraria, que a bateria de encontro a uma rocha e a danaria numa árvore. Abriria novamente os olhos e experimentaria mais uma vez a sua visão limitada. A Mente, vendo apenas a partir de um pequeno ângulo, desprovida de seus outros milhares de pontos de vista. A Mente insensível ao infravermelho e ao ultravioleta; aos raios cósmicos, gama e xis; às ondas de calor, às de rádio e ao resto. Seus ouvidos enclausurados sem remição / entre o ultra e o infra-som.

E o Homem abriu de novo seus olhos. Estava com os pés entre as folhas de grama, o corpo, o rosto nu diante da maçã suspensa a meio metro de seu nariz. Percebeu as folhas se movendo em volta, o rio correndo. Rapidamente, percebeu, começava a se esquecer de tudo. De repente não foi mais capaz de ver Flash Gordon discutindo com o Dr. Zarcov um meio de salvar Jerusalém dos ultrapotentes raios da morte, de Roma. Mal-e-mal, num relance, viu ainda Santos Dumont voando *voilà* no céu, em silêncio na sua nacelle suspensa de uma nuvem que ele conseguira limitar com projetos e cálculos — com sua Sabedoria — passando em redor do rendilhado A que era aquela torre em Paris. Já quase que totalmente desmemoriado, horas depois, tateou à sua volta, como alguém que se tivesse acordado cego, prisioneiro num lugar estranho. Apoiou-se no tronco da macieira, percebendo que fora localizado a partir de um fotograma qualquer, perdido no meio do rolo do filme inteiro que, segundo os cálculos aproximados de Einstein, tem cerca de 200 bilhões de anos-luz de extensão. O movimento já recebera partida há tempo. Viu-se que se desenvolvia de há muito: havia as folhas da macieira, frutos pesados, um esquilo, borboletas intensamente amarelas, translúcidas ao sol — brilhos na superfície do rio. Pedras de origem vulcânica. Viu a libélula. Nuvens luminosas se moviam lá em cima. O tempo passava. O Homem, nu, rodeou aquela árvore, examinando-lhe o tronco, passando-lhe as mãos em

todo seu cilindro áspero. E gravou o nó torado. A marca na casca. As três formiguinhas que subiam, parando no encontro ligeiro com as que desciam. O homem tentava reconstruir, como que num levantamento fotogramétrico, o mundo perdido que, agora, apenas intuía. Passou entre dois troncos e desceu, aos escorregões, por um declive. Caminhou durante muito tempo, até que, cansado, sentou-se à boca de um abismo. Aves negras voavam no vão fundo. E, lá em baixo, havia um gorila esmagado pelo tampo da queda. O homem avançou para o precipício. Pedras rolaram, ele desceu aos trancos e barrancos, ferindo-se, até que, depois de um vôo curto, foi golpeado por um solo imprevisto, numa absurda estupidez. Entendeu o perigo se caísse mais. Ergueu-se cauteloso, sujo de sangue e de terra e recuou percebendo-se sozinho, efêmero, apavorantemente desligado, por um abismo, do Eterno e do Infinito de onde saíra e em que poderia ser precipitado a qualquer momento, como aquele gorila, de volta ao elemento natural, sim, mas num transe destrutivo, desintegrador de seu levantamento fotogramétrico. E compreendeu a Morte! E essa foi a sua verdadeira expulsão do Paraíso.

— Ele teve depois dois filhos — disse Marcos, gozando — : Chaplin, o gênio, e Hitler, seu irmão gêmeo.

Os quatro gargalharam. Depois Lucas pediu que João voltasse ao assunto.

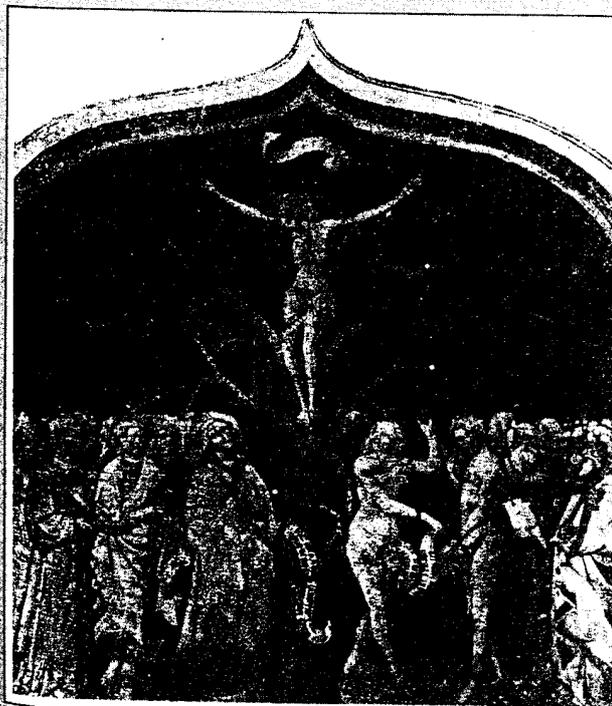
— Bem — recomeçou o alexandrino — Que dizem mais os textos?: Que Deus Tudo Fez Pela Sua Palavra E Que Formou O Homem Pela Sua Sabedoria. Vai daí que (notem o elo, que é importante) Vai daí que Filon, o judeu filósofo de Alexandria, meu conterrâneo, que está conciliando com sucesso Platão às Escrituras, como nós estamos fazendo, concluiu que: dois pontos: (prestem bem atenção:) Se o Criador formou o Homem à sua imagem e semelhança, não é a ele, entretanto, que o Homem deve ser comparado. Mas ao Verbo, à Palavra, à Sabedoria que, segundo Filon, é o Ungido, o Messias, o Cristo de Deus, o tipo ideal da natureza humana, enfim: o *Adão Celeste*. Cristo é o Adão Celeste. Ou seja: aquele que acabamos de ver nascendo de uma Virgem. Um

espírito de inteligência, único, múltiplice, penetrante, sutil. Nós queremos um Salvador. Pois bem: o Livro dos Provérbios é claro. Nele, a Sabedoria diz: “Aquele Que Me Encontrar, Achará A Vida. E Haverá Do Senhor A Salvação!”

— Bom — disse Marcos — o que eu gostaria de saber, agora, é como é que ele: o Cristo; ou seja: ela, a Sabedoria, poderá nos salvar.

João bateu repetidamente o dedo médio na testa:

— Fazendo-nos usar ISTO!



Grabado superior: pintura infantil de No-
velad con el árbol familiar adornado con
velas. El árbol de verdad por eso está
relacionado con Cristo mediante el sim-
bolismo del solsticio de invierno y el
año nuevo (el nuevo año del cristia-
nismo). Hay muchos vínculos entre Cris-
to y el símbolo del árbol: la cruz es
considerada, muchas veces, como un ár-
bol, como en el fresco italiano medie-
val (izquierda) con Cristo crucificado en el
árbol de la ciencia. En las ceremonias
cristianas las velas simbolizan la luz
divina, como en la festividad sueta de
Santa Lucía (arriba), en la que las niñas
llevan coronas de velas encendidas.

10 — Pronto! — disse Mateus, entusiasmado. — Agora é programar a vida e a campanha do Cristo! Marcos revirou os olhos, Lucas franziu o cenho. João voltou-se, irritado:

— Mas que campanha, Mateus?

— Ué: a da reconquista do Paraíso perdido! Certo: Façamos um Cristo filósofo. Mas que seja também um guerreiro!

Lucas percebeu que não poderia mais adiar o assunto. Por isso começou, com o máximo de tato:

— Mateus: convenhamos que nós não podemos, hoje, conceber um exército judeu vitorioso sobre Roma, que não tem a menor perspectiva de cair, pelo menos nesses próximos séculos. . .

— É — disse Marcos — Pra você ter uma idéia: Espártaco aterrorizou o Império Romano durante três anos, é verdade. Mas o grosso de sua tropa acabou sendo fulminado e o resto dela repartido entre duzentos quilômetros de cruces, distribuídas de Roma a Cápua, numa média de um crucificado em cada trinta e três metros! E esse exemplo não é mole não, meu caro! . . .

— É, mas. . .

(“duzentos quilômetros de cruces! . . .”) Os quatro ficaram com essa visão na mente durante um longo tempo. Sem ação — como um grupo de operários diante de uma construção desabada, sem ter mais material, novos cálculos corretos, nova planta mais segura: os andaimes torados, a babel com o favo aberto. . .

— Não, não — disse Mateus afinal — Vocês se esquecem de que já se anuncia, comenta-se já, em surdina, que uma guerra de grandes proporções está para acontecer.

— E Jerusalém será destruída nela! — vaticinou Lucas, para espanto de Mateus, que se lembrou das próprias visões:

— Destruída? Por quê?

— Jerusalém será destruída — Lucas repetiu. — Escute o que estou lhe dizendo.

— Mateus — disse-lhe Marcos. — O que nós precisamos é de uma solução lúcida para essa situação. Lú-ci-da, entendeu? É preciso ter calma.

— Ter o quê?

— Cal-ma.

Mateus adiantou a cabeça, empurrando, com a mão em concha, a orelha direita para a frente:

— Ter o quê, homem?

E Marcos berrou, tremendo:

— Cal-maaaaaa!!!

Ao que Mateus se levantou:

— Olhem aqui, vocês três: há trezentos e sessenta anos atrás Alexandre da Macedônia já nos dominava, e já essa maldita calma tinha sido utilizada e basta dizer a você: que em homenagem a ele, todos os judeus deram aos seus filhos, que nasceram naquele ano, o nome de Alexandre! E no que resultou: de século em século vimos sendo massacrados e em Alexandria perdemos até o nosso idioma — olhou para Lucas, para João e, estranhando-lhes a impassibilidade, agitou toda a poderosa organização anatômica de seus braços e repetiu — Nós perdemos até o nosso idioma!!! — respirou fundo — Depois, Antíoco IV entrou no santuário de Jerusalém com cavalo e tudo, tomou o altar de ouro, o candeeiro dos lumes, todos os vasos sagrados, a mesa da proposição, as bacias, copos e os graais de ouro, o véu das coroas, o ornamento doirado que estava na fachada do Templo, e quebrou tudo!!! E como se não bastasse, o demônio, antes de sair, fez uma matança tão desordenada que, Lucas!: a Casa de Jacó enlouqueceu confusa: João! dois anos depois Antíoco voltou e ateou fogo à cidade, levou embora nossas mulheres, filhos e o gado! Os textos sagrados foram queimados! O culto de Jeová, proibido! E para o cúmulo dos cúmulos, Marcos: ele pôs a estátua de Júpiter em cima do altar de Jeová!!! — e Mateus, rubro, imenso, tremendo, começou a gritar — Às mulheres que circuncidavam os filhos, ele mandou pendurar os meninos em seus peitos. . . e as levou por toda a cidade em ruínas, para fazer seus soldados rirem. E depois precipitaram-nas de

cima do resto dos muros! — então trovejou furioso: — E o Templo?! Santo Deus, Marcos, João, Lucas: Antíoco encheu o Templo de putas! Ele encheu o Templo do Senhor de putas!!! Seus soldados escrotos filhos de uma égua fodiam com elas *lá dentro!!!* — puxou o fôlego, com esforço — Os sete irmãos Macabeus foram destruídos milímetro a milímetro, com sua mãe, porque se recusaram a comer carne de porco! Suas línguas foram arrancadas e também os couros cabeludos, as pontas dos pés e das mãos, a mãe vendo fazerem isso tudo com seus filhos, de um por um! Ela os viu serem fritos, pedaço a pedaço, numa frigideira, vi-vos!!! — e berrou — Vocês não são judeus, malditos! É por isso que me vêm falar em calma. Porém essa cidade inteira, estão entendendo?, viu batalhas no ar, durante quarenta e cinco dias seguidos, num agouro de grandes lutas!

Lucas limpou a garganta:

— Mas... isso é lenda, Mateus...

— Mas que lenda, Lucas?! Que lenda?! Todo mundo viu os cavaleiros vestidos de ouro, armados de lanças, tropas de cavalaria!, enormes esquadrões se atracando no céu, enquanto o povo implorava a Deus que revertesse aqueles prodígios em seu favor.

— Então estava todo mundo mais doido ainda do que está agora.

— Não sei, mas o pedido foi aceito: aconteceu naquele tempo aquilo que vocês não acreditam ser possível, mesmo vendo o que os vietcongues foram capazes de fazer tendo um bom Ho-Chi-Min e um bom general chamado Giap à frente: o pequeno povo judeu, que não dispunha de liberdade, nem de poder ou de influência política e, ainda menos, de recursos militares, levantou-se contra os opressores, como deveríamos fazer agora: com Judas Macabeu libertamo-nos e vimos o culto de Jeová reintegrado!

— Mateus!... — interrompeu-o Lucas — Deixe de ser inocente: isso foi feito com a ajuda *de Roma!*... Exatamente da forma como Cuba se livrou da Espanha graças aos americanos...

O velho olhou-o gravemente, pensativo. Depois voltou o rosto para a sombra. Os cabelos alvos se moveram no vento. E ele todo se moveu. O sol destacando-lhe o nariz, a testa, a barba. Baixou a cabeça e disse, rouco:

— Você tem razão... Roma nos deu o golpe definitivo... e tão vigoroso que acabamos fazendo uma reuniãozinha como esta... para *inventar* um libertador... a quem é oferecido o poder que ele... fi-lô-so-fi-ca-mente... recusa... — e rugiu: — Merda!!! — arregalou as escleróticas para eles, inspirando ruidosamente, e subiu às pressas os assentos-degraus do teatro, os outros seguindo-o com os olhos. Postou-se frente a frente com o edifício parrudo: de concreto, ferro e vidro: do palácio do governo de Pilatos. Olhou para as bandeiras que o vento estabanejava diante da larga fachada. Viu o reflexo imenso do céu na gigantesca vidraça e nele as nuvens em mantas escuras, de onde escapavam clarões: o céu no vidro!: e, dentro do céu, atrás do vidro, em lugar dos anjos, milhares de burocratas em andares, no trabalho ativo. Lá em cima, operários com capacetes amarelos afixando, num tremendo painel, o primeiro fragmento da frase (p)AX ROM (ana). Mateus embebeu-se na efígie de Tibério toda flácida, que era estirada na goma, enchendo-se de rugas lustrosas que os trabalhadores alisavam com rodos. E então, surpreendentemente, mas nem tanto — como um astronauta vestido de escafandro — assombroso e sinfônico, Mateus desabou devagar sobre os joelhos, com os braços erguidos, gritando:

— Senhor Deus dos Exércitos!!!!: que venha o teu dia grande e terrível, pois a nossa gente pede, angustiada, espadas, flechas, fundas e bombas! A nossa gente pede um homem que, afinal, dê um corpo à palavra Messias para nos libertar! Que venha o teu dia grande e terrível, ó Deus, que os caminhos já estão nivelados e os vales preenchidos — e as flores vermelhas estão com as corolas escancaradas em todos os nossos campos de batalha, Senhor!

E, em seguida, deu um urro de tal modo poderoso que, por trás do céu no vidro, a multidão escalonada do Palácio de

Pilatos, entre as bandeiras estapafúrdias e as águias romanas, parou de trabalhar e se voltou lá para baixo, andar por andar, até o último de cima, em que Pilatos, sob a imensa cabeça do Imperador, olhou para a concha acústica do velho teatro abandonado, perguntando-se com avidez O que foi?, ao que lhe disseram:

— Deve ser um louco, senhor.

— Ele deve estar maluco, Excelência.

— Deve ser mais um dos doidos varridos de que a cidade está se enchendo, Pilatos.

— Mateus! — João lhe berrou — Você só fala em luta, só fala nessa sua maldita política que nada vogou justamente no momento em que se decidiu tudo na sua vida! Você pode, por obséquio, me dizer onde estava na hora em que ficou resolvido qual seria seu sexo, cor, raça, pátria, o momento histórico pelo qual iria atravessar, hein? Deixaram-no escolher alguma coisa disso tudo? Me diga: deixaram?

— Não! — o velho respondeu firme, virando-se para ele — Eu faço parte do povo eleito — levantou-se — Faço orgulhosamente parte do povo de Israel, que é o Servo, o Primogênito e Filho Dileto Em Que Deus Compraz A Sua Alma. E puta que o pariu para o resto!

11 — Ah, mas vocês tocaram agora num detalhe importantíssimo — disse-lhes Lucas se intrometendo, voltando-se para os olhos azuis de João e para a grande cara pesada e judaica, de Mateus — Um pormenor que aliás descobri quando estive por quase um ano vivendo no deserto, para onde tantos estão indo a fim de fugir à tirania de Roma e às decisões a que ela cada vez mais nos obriga. Foi durante essa experiência que percebi que não eram apenas o imperialismo estrangeiro e a ditadura local que me arrochavam a garganta nessa angústia intolerável que nos tortura, mas duas forças poderosas, formadas por dois exércitos de leis férreas que nos pressionam de dentro para fora e de fora para dentro,

sendo uma delas tudo aquilo que somos, independentemente de nossa vontade e, a outra, tudo aquilo que é como é, inclusive o poder de Tibério e de Herodes. É como João disse: nós não decidimos nada. E nada podemos fazer para mudar isso. E é incrível como ainda se crê num Buda que se teria coberto de borboletas e flores como Aureliano Buendia em Cem Anos de Solidão; num Krishna, filho do céu e oitava encarnação de Vichnu, como se nem os cromossomos, nem os genes, nem o ácido desoxirribonucléico existissem, como se o sexo omisso não arrastasse o prolixo e o velho não fosse a carcaça do novo, como se a morte às vezes falhasse, como se Voltaire já não tivesse dito que não é de hoje que não existe efeito sem causa. É incrível!: E o pior... é que se isto aqui é duro e consistente — bateu com o solado da sandália no chão — e eu posso vê-lo e pisá-lo e... conquistá-lo, como um Ciro ou Moisés o fariam, o que me dá uma enganosa sensação de resistência, de existência e de solidez, o resto me foge ao controle e eu nada sei acerca da influência que possa ter sobre o que estou dizendo agora as nebulosas de energia que movem o gigantesco sistema estelar de Andrômeda, nem sei nada sobre o Quinteto de Pégaso, que se distancia da Terra a 22 milhões de anos-luz, nem, muito menos, sobre os universos-ilhas que também se afastam... a *quinhentos milhões!*, no espaço atterradoramente vasto e quase vazio. Vocês vejam: mini-nebulosas formam os elétrons que formam o meu cérebro. E eu também nada sei sobre os próprios elétrons que, segundo os físicos, não ocupam maior espaço que o medo e a angústia. (E Lucas gesticulou dramático, batendo, diminuto, o solado de sua sandália no chão, enquanto a Terra e a Lua giravam ambas uma em torno da outra, em volta de um centro de gravidade comum) — E então que diabo estou fazendo aqui, eu me pergunto, produzido, movido e motivado à rebelião, atenuado por essa realidade estupenda que inclusive me induz a essa rebelião? — inspirou fundo, suado, a testa porejando — Chego a pensar que o que ocorreu a princípio, foi isto — fez uma pausa na qual engoliu a saliva que quase o engasgava — : fantasmas de medo, de ansiedade e de incerteza giraram em torno de mais sombras de pavor e dúvida, que

se acrescentaram a si mesmas e se avolumaram até um ponto crítico em que um estilete de luz atingiu o óvulo de um segundo, no útero do mundo, e o clarão cegou e a placenta cresceu, numa explosão de flashes violenta e eu, que sou o Homem, nasci. Mas por quê, porra? Mas para quê, seus sacanas? Para que esse câncer nas leis? Olhem lá aqueles imbecis! — mostrou o grupo de zelotes, jovens rebeldes de roupa colorida, que agora pintavam sete cornos na cabeça de Tibério (por serem sete os braços do castiçal judeu). — Observem como aqueles filhos da puta agem. Com que segurança! — voltou-se furioso para os três companheiros, seus cabelos desgrenhados, ele rangendo os dentes — Isso tudo me irrita! Já lhes perguntei: por que eles nasceram? Por que eu nasci? Por que me rebelo, se essa rebelião também é produzida pela tal Ditadura? Falamos em salvação. Mas salvação como, de que jeito? Escapar de quê? Salvação quando?, se o mínimo gesto que o Messias fizer para tentar se livrar deste liame, olhem — ergueu um pouco os dedos e os dedilhou na luz — até este meu movimentozinho insignificante, comica-e-tragicamente será produzido por leis? Ah, Marcos? Hein, Mateus? Você, João: é capaz de ver para ele alguma brecha nesse muro? (E João disse, um pouco/inseguro:) Sou, Lucas. (E Lucas ironizou:) Ah, é?, mas que beleza!: Então, pelo que você tem de mais sagrado, pela vontade que você tem de andar sem essa muleta, indique-nos!

E João começou, firme:

— Primeiro, Lucas: quero lhe dizer que concordo inteiramente com sua idéia básica quando disse que, juntos, nós poderemos fazer algumas alterações no texto desta grande tragédia a que fomos condenados a representar vivendo tão intensamente os papéis. Segundo: concordo com você quando disse que, juntos, poderemos criar esse grande personagem solar que dará o desfecho a esse livro cósmico mas inconcluso, que é o dos judeus. A esta complicação cósmica, mas inconclusa, que é a nossa. Acho também que isso talvez não nos venha a ser tão difícil: como já vimos, algumas pontas soltas do tecido estão por demais visíveis. Resta-nos apenas descobrir as outras

e sabermos manejar bem o tear, para que obtenhamos o grande texto. E, terceiro: o que eu chamo já de o Antigo Testamento judeu é riquíssimo. Nele, depois que você me chamou, escrevendo sobre o projeto, descobri algumas pistas sobre o Messias, e que me remeteram diretamente ao enigma do Princípio, de um modo extraordinário. Vocês vejam: o Eclesiástico diz que a Sabedoria Saiu Da Boca do Altíssimo E É A Primogênita De Todas As Criaturas. Ora: se ela é a primogênita, então ela é o Cristo —. E João se calou por um momento. E depois abriu novamente a boca e disse que Deus abrira a boca e que, de um modo ou de outro, o fato é que algo se abriu e, de dentro dele, numa temperatura de milhões de graus centígrados, de dentro do pavoroso oco se expandiu o Cristo, num vapor primordial — sem moléculas nem átomos — só como que nêutrons livres e borbulhantes num caos.

Nisso, o perfil de Mateus, mais o de Lucas, o de João e o de Marcos, giraram lentos para o alto, as sombras todas de seus rostos se movendo e alternando-se densas. E de frente, agora, envelhecidos, simétricos, pararam, carregados pelos sons gigantescos que provinham do céu (enquanto submarinos atômicos, sabiam — fechados em si mesmos como gumes — desciam silenciosamente nas águas escuras ao redor da Judéia). Os quatro viram o imenso bombardeiro da Esquadilha do Terror, cujas turbinas, naquele momento, eram reabastecidas, em pleno vôo, por um ciclópico SPQR 135, voando para Jerusalém. Os super-aviões, geminados como duas libélulas durante um coito, sobrevoaram a cidade diminuída, lá em baixo, e a encheram com o seu inconcebível rumor. E foi desovada a gigantesca bomba. Dentro (ela desceu) de alguns segundos, daquelas muralhas e arranha-céus não restaria mais do que um amontoado de pó. Mateus, desesperado, viu cada vez mais se fechando o cerco, cada vez mais detido o passo humano para a paz e a liberdade — e a vida — com o cogumelo radioativo se desenrolando e subindo em explosões para o céu — Jerusalém então se incendiaria com o ferro e o aço se retorcendo, a pele das crianças e o couro dos animais se dissolveriam em água — e o velho judeu não agüentou mais: “Deus do céu!” bramiu, apavorado com a visão: “Quero que

o Messias ruja diante das muralhas de Roma como todo o povo judeu fez diante das de Jericó — e que as inche e as derrube só com o som de seu berro de ódio esclerótico e mandibuloso, feito o de Josué! Eu quero que ele ruja no centro daquela Sodoma/Gomorra e a pulverize. Deus do céu!” berrou alucinado, espantando os companheiros. “Imploro-lhe o milagre de crescer e ser maior — eu mesmo! — e de me transformar numa fera peluda e terrível — para invadir a jângal daquela Roma Novaiorquina, para espatifar seus bancos e bolsas de valores, pisar nos ônibus e nos seus automóveis, arrebentar as teias elétricas dos bondes, arrastar trens e metrôs dos trilhos como se fossem serpentes metálicas — dar-lhes duro, partir seus nós, torar suas espinhas e esmagar suas cabeças com murros e golpes. Quero cravar minhas garras nas janelas do Empire State Building e subir, para varrer, lá do alto, o céu dos aviões daquela Esquadrilha do Terror!”

E seu ódio se tornou numa espécie de laser químico e subiu pela medula até atingir-lhe o cérebro como que numa explosão nuclear, arrastando consigo, nesse percurso, os fantasmas de angústias e nébulas de pavor que cresceram e se juntaram a mais sombras de medo e aumentaram a si mesmas num rolo que subiu desdobrando-se e desencarçando-se insuportavelmente até que ele desmaiou de fúria, numa explosão de flashes violenta que rugia, poderosa e escura... subindo ruiva, incendiando avenidas, ruas e becos — todos aqueles poderosos canyons da Super-metrópole tirana!

12 E OS MAGOS (das três estrelas com esse nome, da constelação de Órion) INTERPRETARAM OS SONHOS DO TIRANO ASTÍAGES. E ESTE, TÃO LOGO CIRO NASCEU, MANDOU HÁRPAGO LEVÁ-LO ÀS MONTANHAS PARA QUE O NETO FICASSE EXPOSTO ÀS FERAS (como Édipo, como Branca de Neve). MAS A CRIANÇA FORA PARAR NAS MÃOS DE UM BOIADEIRO, QUE A CRIOU.

— Vejam que curioso — disse Lucas — O porquê desse boiadeiro — e apontou para o zodíaco — Aqui, entre as constelações de Virgem e Serpente, fica justamente a do Vaqueiro, Boieiro ou Boiadeiro, como diversos astrônomos e astrólogos a chamam. Essa constelação, observem como é interessante, equivale, no hemisfério boreal, ao Centauro no austral, o mesmo centauro Quíron que teria, como o boiadeiro que educou Ciro, educado Jasão, Hércules e Aquiles. E para vocês verem as variações que o tema do sol pelas constelações provoca: eu me lembro que meu primeiro papel em teatro foi uma ponta: eu fazia o Trabalhador, que era o equivalente desse vaqueiro de Ciro, na “Eletra”, de Eurípedes. Eu dizia, no prólogo da tragédia, que o tirano Egisto, com medo que do casamento de Eletra com qualquer dos gregos ilustres que lhe tinham vindo pedir a mão nascesse um descendente perigoso, como o que nós estamos engendrando, decidiu dá-la por mulher a mim, um sujeito oriundo de família também ilustre, sim, mas pobre. E eu, coitado — Lucas sorriu — dizia que não tocava na moça porque poderia haver uma reviravolta na política, em que acabasse, também eu, metido no rolo. . .

João e Marcos riram, Mateus porém, com os olhos brilhantes, investiu:

— Mas Lucas: Ciro existiu mesmo!

— Claro!

— Então por que Moisés não?

— Porque de Ciro você tira a lenda e fica a História. De Moisés não sobra nada.

— E os Dez Mandamentos?

— Cópia do Código de Hamurabi, que disse tê-lo recebido diretamente do deus-sol Shamash. O Próprio Heródoto avisa, antes de começar a narrativa de Ciro, que a registrava apenas como lenda corrente entre os persas. . . para *endeusar* seu rei. Em seguida é que apresenta os fatos, com lucidez. Mas talvez lhe bastasse dizer, Mateus, que Ciro foi, na verdade, o Cristo a que se referem os textos dos profetas de Israel.

— O quêêêê?

Os três cresceram para Lucas, Marcos não resistiu e, logo, recuou gargalhando loucamente no teatro, dando uivos gozadores, enquanto João perguntava, num tom grave:

— Mas que estória é essa, Lucas?

Mateus rugiu:

— Diabo!: esse cara está mesmo varrido!

Lucas olhou-o, malicioso:

— Você acha mesmo? — e se voltou para a grande cidade imensamente atarefada, cada cidadão ocupado com a quinquilharia ou questiúncula que comporia, com as de todos os outros, a Grande Alienação Total. — Quer dizer que toda Jerusalém lê Isaías dizendo tão claramente: “Assim diz o Senhor a Ciro, MEU CRISTO, a quem tomei pela destra para lhe sujeitar ante sua face as gentes”, Jerusalém em peso espera *ainda* pelo Cristo apesar disso, e eu é que estou varrido?

— Mas então...! — gemeu o alexandrino, mancando — O que... que diabo é que nós estamos fazendo aqui?

— Nós estamos aqui para, servindo-nos da própria loucura dessa multidão, fazê-la sair dela!

Mateus não se conteve:

— Lucas: todo esse povo tem *certeza* de que o Messias ainda não veio! Será possível que somente *você* tenha razão?

— Me diga uma coisa, Mateus — Lucas lhe pediu, insinuante — para quando está prevista a vinda do Cristo?

— Ninguém sabe.

— Mas como “ninguém sabe”?: O que foi que o anjo disse, qual foi o prazo que ele deu ao profeta Daniel, Mateus?

— Ora...

— Vamos!

— Bem, setenta semanas...

— Um ano e meio, não é?

— Sim, mas isso foi há séculos!

— E então? — Lucas sorriu, desviando os olhos para Marcos, que gargalhava, e para João, que sorria meio ator-

doado. Mateus acabou por abanar a cabeça, fazendo ts ts ts com a língua por trás dos dentes e, explodindo:

— Isso é uma porra!!!

João sentiu a boca amarga, o vento trepidando nas roupas, e baixou a cabeça, desolado, o que foi percebido por Lucas, que imediatamente acudiu:

— João: você já viu um homem das classes baixas, o povo em geral, procurando saber o que disse, o que pensou, o que ensinou o velho Sócrates, através dos livros de Platão? Não, é claro. Ninguém jamais viu! No entanto eu chamei você porque pretendo, servindo-me do Cristo, dar a filosofia dele a esse povo. Eu quero que esse povo conheça as idéias daquele que não apenas eu e você, mas todo o mundo, considera como o “Divino Platão”. Inclusive Toynbee, na “Sociedade do Futuro”, já disse que o mundo atual vem se tornando cada vez mais desumano e que por isso se deve voltar a humanizar a educação. E ele frisa bem: “Nós precisamos de um outro Sócrates!!!”

13 — Mas Lucas — Mateus ainda tentou — *Ciro não nasceu em Belém, como anuncia o profeta Miquéias.* — E quem nasceu? O texto em que ele anuncia isso foi metido ali, no livro de Miquéias, justamente para confundir o povo. Não existia esse versículo antes, está visto. Veja o anterior: “AGORA SERÁS TU DEVASTADA, Ó JERUSALÉM, FILHA DO LADRÃO. *ELES* PUSERAM O CERCO SOBRE NÓS, *ELES* FERIRÃO COM A VARA A FACE AO JUIZ DE ISRAEL”. Salte agora o versículo em que se lê que o Salvador nascerá em Belém e veja: “Por isso Deus *OS* abandonará”. Vê como prossegue o versículo anterior? Meu filho — Lucas lhe disse, sorrindo triste — Eu passei *anos* estudando tudo isso. *Anos*, enquanto todo esse povão de Jerusalém, aí em baixo, assistia novelas de TV e, antes, as do rádio.

14 — Bem — disse João — Se os profetas anunciam um guerreiro, como Ciro, é lógico, como é que faremos para convencer o povo de que o nosso pacífico filósofo é o Cristo anunciado por eles?

— Pa-cífico?! — Mateus perguntou, exasperado.

— Ora — disse Lucas, preocupado já com Mateus — É claro que levará algum tempo para que o Cristo, desse modo como imaginamos seja reconhecido e aceito pelo seu próprio povo.

— Espera lá — disse Mateus, agoniado.

— Deixe-me terminar, Mateus — Lucas insistiu — Eu acho que nós devemos, logo que ele nascer, deixar um sinal sutil de que é ele o Salvador, apesar da descrença que encontrará. Mateus, lembra-se de Isaías?: “Conheceu o boi a seu possuidor, e o jumento o seu dono, mas Israel não me conheceu e o meu povo não me entendeu”. Bem: Rômulo e Remo foram amamentados por uma loba. Júpiter e Esculápio por uma cabra. Ao bom entendedor, que for cético, essa meia palavra bastará: um boi e um jumento colocados ao lado do nosso recém-nascido, na gruta. O povo confunde tudo, o povo aceita tudo. Um exemplo disso é a esperança de que esse Messias venha e de que ele terá o nome de Emanuel, que nascerá de uma virgem. Ora, o texto de Isaías é nítido: Isaías profetizou ao Rei Acás, que dentro de três anos, isto é: dali a três anos, isso há... quinhentos anos atrás, os reinos de Israel e da Síria, inimigos de Judá, seriam destruídos por Teglathfalasar, rei da Assíria. E como sinal bem vigoroso de que tinha autoridade para predizer isso, fez outra profecia de cumprimento mais imediato. Disse que nasceria o filho de uma virgem, que seria chamado de Emanuel. Ora: segundo Isaías, o tal do garoto nasceu mesmo e o rei teve de acreditar na invasão vaticinada.

João reparou nas rugas de Mateus se reunindo num grafismo impressionante: numa solarização intensa, numa outra certeza muito alva e dura que se desintegrara definitivamente, no seu reino interior.

— M-mas Lucas... — o velho ainda arriscou, de cabeça baixa, porque sabia que ia sofrer outra derrubada — Isaías disse que... disse que o império de Emanuel se estenderia cada vez mais e que a paz que ele traria não teria fim... Cadê, cadê esse império e essa paz, se ele, como você disse, já veio?

— Meu caro — Lucas se saiu com fluência — é justamente por isso que o povo julga que o Emanuel será o Messias e que ainda está por vir. Mas você e toda Jerusalém se esquecem, no entanto, que Deus prometeu a Davi que estabeleceria *para sempre* o trono de seu reino ao seu filho Salomão. E Isaías mesmo não disse que com a vinda de Ciro, o povo de Israel seria salvo com uma *eterna* salvação? Cadê, pergunto eu agora, cadê essa “eterna” salvação?...

Mateus olhou para ele, para os olhos azulíssimos de João, para o rosto extremamente pintado de Marcos, e baixou os olhos.

Lucas disse-lhe, contristado:

— Meu velho...

Porém Mateus o interrompeu:

— Ora, não se preocupe comigo... Apenas acho que acabo de ver tudo o que era para mim ainda um pouco de vivo e sagrado / ser polido e ser fichado / e colocado num museu / junto de duas pistolas de seis canos / e de seis bicicletas a vapor...

Os três atentaram para suas sobrancelhonas grisalhas, para o seu nariz adunco, os poros abertos, as estrias das rugas nas pálpebras e para sua boca, no que ele voltava a dizer:

— Ninguém quer ser palhaço, é claro, mas somos todos, parece, prisioneiros do nosso tempo e do nosso espaço. Eu:.. me sinto agora como se estivesse raspando os bigodões, tirando o pincenê, os colarinhos erguidos e as botinas abotoadas, coisas do tempo em que vivia... “revolucionando” tudo / com minhas inovações antiquadas... Perdi a inocência... É como se não pudesse, a partir deste dia, continuar trazendo as idéias de Freud entre as pernas, ou os problemas da alma num rosário / ou no pescoço / dentro de

um escapulário... Você me abriu os olhos ao exagero, Lucas... Só agora... só agora eu compreendo o que sentiu Adão ao abocanhar o fruto da árvore da ciência e, de repente, descobrir que estava nu.

E UM DIA O TIRANO DE MADURA MANDOU CONTRA KRISHNA OS SEUS SOLDADOS. E ELE, VENDO QUE OS SEUS DISCÍPULOS FORAM TOMADOS DE PÂNICO E QUISERAM FUGIR, ESPECIALMENTE ARDJUNA, CHEFE DELES, REPREENDEU-OS PELA FALTA DE FÉ E APARECEU-LHES DE TAL MODO ILUMINADO QUE NEM ELES PUDEAM RESISTIR A TANTA LUZ. Tal e qual Moisés ao descer do Sinai! POR CAUSA DISSO É QUE O CHAMARAM JESÉUS, OU JESUS — QUE, SEGUNDO ELES, QUER DIZER “NASCIDO DA PURA ESSÊNCIA DIVINA!”

— Bem, Mateus... — disse Lucas — Para compensar tudo isso, deixo-lhe o encargo de arranjar um nome para o Messias.

— Sempre pensei que seria Emanuel...

— Haverá outro, certamente...

Marcos jurou que Lucas já sabia o nome que iria ser proposto e aguardou com tensão.

— É... — Mateus concordou, tateante — Na verdade o profeta Jeremias não fala em Emanuel. Ora: e Moisés anunciou um profeta semelhante a si mesmo, esse a quem o povo ainda hoje espera e quem lhe sobreveio, na verdade (raciocinando como você), foi Yehosschouah, isto é: Jesus de Nave, que os gregos chamam de Josué, filho de Nun. Poderíamos dizer que ele se referia não àquele Josué, mas a este Jesus... que nós estamos produzindo...

— L-Lucas! — Marcos viu João proferir, atônito — Mas isso é extraordinário! — juntou as mãos — “Jesus?”

— Sim?

— Krishna, Lucas!: o avatar, a encarnação de Vichnu, um dos deuses da Trindade hindu!

15 — Vejamos então como fica — disse Lucas — Nós podemos aproveitar o texto do Levítico que manda que se façam os cálculos entre um e outro ano do jubileu de sete em sete semanas *de anos*, isto é: de 49 em 49 anos. Aquelas setenta semanas, a partir de agora, portanto, passarão a ter outro valor. Lembrem-se disso nas suas futuras discussões com hereges ou com os fiéis mais espertinhos. E temos, então, quatrocentos e noventa anos, que deverão ser contados do decreto de Artaxerxes Longimano para a reedificação da cidade, datado do vigésimo ano de seu reinado. (E a surpresa de João, Mateus e Marcos foi incomensurável, quando Lucas concluiu:) E aonde iremos parar: no ano 781 de Roma, 15.º de Tibério, sendo Herodes tetrarca da Galiléia — disse rindo — e príncipes dos sacerdotes Anás e Caifás e... Pôncio Pilatos — completou gargalhando — o Governador da Judéia!

— Uau! — disse João, endireitando-se, passando a mão pelo estômago, caminhando junto do toque-toque da muleta, enquanto Marcos se erguia eufórico, de repente másculo, dizendo:

— Que personagens!: Pilatos, Herodes, Anás, Caifás! Tibério!

Lucas ria muito:

— Essa quadrilha trucidaria qualquer messias que aparecesse por aqui!

Marcos se voltou espantado para Jerusalém e caminhou com passadas decididas até à beira do anfiteatro, como que esquecido de seu papel de andrógino, que representasse naquele teatro:

— Imaginem!: eu pensava que iríamos construir um Cristo no passado!... E, agora, de repente, zás! e o Cristo

está andando naquelas calçadas, seu reflexo passando entre os de centenas de pessoas e de automóveis, no fundo das vitrinas da Sears! Atravessando a rua, à noite, todo iluminado e colorido por um anúncio da Good-Year e outro da Pepsi! Que realismo impressionante! Eu quase posso crer que, descendo à cidade, poderia encontrá-lo, agora, num bar da boca-do-lixo, rodeado de curiosos, discutindo com cineastas do udigrude acerca de algum detalhe da nova doutrina! . . .

Lucas ainda sorria:

— A matança dos inocentes, portanto, teria ocorrido no governo de Herodes o Grande.

E se deu o imprevisto: o velho Mateus se levantou enorme, deslumbrado, mordaz:

— Heroodes?!?! Sim! Herodes o Grande, Lucas?! Ah, que aquele desgraçado demônio agora me paga: o crime de perseguir o Menino, como está em todos os mitos: ordenado por aquele monstro que me matou a mulher e o filho, teria tiras de nervos nos ossos, na carne crua da realidade, Lucas, — e rugiu — Herodes?: nós vamos botá-lo como o Dragão do Cristo! Enteeendeu?

16 SIM. E SÉCULOS ANTES Ciro cruzara em furioso galope na chuva todo seu vasto exército encharcado de águas, lamas e luzes, e avistou as torres, depois toda a Babilônia do outro lado do vale, doirada por um sol extraordinariamente forte. Esporeou e irrompeu agora ladeira abaixo, mergulhando ainda mais na angústia, ferindo troncos, arrastando galhadas, erguendo tombos por sobre enxurradas e calhaus, até que a ribanceira cessou de falhar e o chapadão saltou de súbito para cima, e ele freiou, surpreso com o que viu: era o Rio Gindo, mas incrivelmente revoltado e cheio! Seu animal, no arrocho da contenção, entretanto, empinou, relinchando rebelde, querendo atravessá-lo assim mesmo. “Pára, filho de uma puta!!!” Ciro gritou. Porém o cavalo conseguiu avançar ainda, estorcendo-se, corcoveou, quis ir mais em frente

a todo custo. “Maldito!: eu já disse: pára!” Ciro berrou, com medo e ódio. E, ao se ver obedecido, rangeu os dentes — para as árvores carregadas de verdes e de águas e de frutos; para as éguas no amojó e molhadas; para as mulheres no oitavo mês; para as cadelas sobrecarregadas de tetas em bicas. Por isso não poderia chegar à Babilônia, onde o povo de Israel, agora preso, aguardava sua chegada messiânica: sabia dos profetas. Torceu as rédeas, chicoteou a montaria e a corrida pen-deu para a esquerda, seguindo o contorno da margem. Guinou depois para a direita e voltou. “Tem de haver uma passagem!” disse. O sol devassava mais o aguaceiro, fazendo crescer a cidade, tornando-a quase irreal com as incisões profundas en-carçoando e arredondando mais alguns tetos e cúpulas na luz. Para trás de Ciro, porém, seu próprio exército sumia-se na chuva à medida em que o verde espesso dos bosques e pomares cheios de laranjas se tornava, primeiro mais pastoso, depois num dilúvio. Cerrou os punhos e os dentes, pois tinha necessidade absoluta de conquistar a cidade! Pensando em traçar novos planos, encontrar um meio de chegar ao outro lado do rio, apeou. Foi a inesperada libertação do animal! O cavalo deu ré, sacudiu a cabeça, nervoso. Bufou e saiu trotando, a princípio num semicírculo ostensivo, depois, decidido, estugando o trote para galope e rumando numa única disparada em direção do Gindo até que saltou no turbilhão branco e cinza que de imediato o engoliu para, em seguida, vomitá-lo poderosamente. Ciro gritou lá de cima e o seu cavalo nadou, o coração tangendo com força, os pulmões e as ventas resfolegando num empuxo asmático, lutando o quanto podia contra a sucção e o arrasto, até que Ciro, impotente, de olhos arregalados, altamente afrontado pelo rio, viu seu cavalo ser tragado e desaparecer. Encolheu-se então, vermelho, numa carranca furiosíssima e, num rojo de voz que o fez cuspir sangue, berrou aquilo que Alguma Coisa finalmente conseguia fazê-lo dizer: “Eu juuuuro tornar essa pooorra desse rio tão fraco que, daqui por diante, até as mulheres irão atravessá-lo, sem molhar os joelhos!!!”

E a “História” de Heródoto registra:

“CLXXXIV — (...) Assim dizendo, Ciro suspendeu a expedição para a Babilônia. Dividiu o exército em dois corpos, traçou com uma corda, ao longo do rio, cento e oitenta canais em diversos sentidos, fazendo, em seguida, cavá-los pelas tropas.”

— E ouçam isto — disse Lucas — “Tendo-se vingado do Gindo, continuou a marcha para a Babilônia, ao anunciar-se a segunda PRIMAVERA”.

17 MUITOS SÉCULOS AINDA MAIS PARA TRÁS, NA ESTÓRIA, uma árvore fez terra com uma nuvem densa e um raio explodiu. Jacó, inquieto, passou as mãos no rosto. E, embora a noite fosse tenebrosa, dispôs-se à travessia do vau do Jaboque. No entanto sentiu-se inseguro: “Que é que está havendo comigo?”, pensou. Ergueu a clava com o toldo que protegia a tocha acesa e avançou. Os olhos de alguns animais, que devoravam carcaças podres nas furnas, voltaram-se brilhando sinistramente para ele e, de repente, espalharam-se espavoridos pelo mato e pela água. E Jacó recuou de costas, chapinhando, com medo, dando encontrões com troncos, pedras, pontas de paus, já sangrando sem sentir. Afundou um pé num vácuo d’água, desequilibrando-se, e quase caía. Ergueu-se desassossegado. Virou-se. E foi então que seus pêlos se eriçaram: viu a grande mancha que, a seguir, tomou forma de um corpo humano, com uma cabeça sem face. “Q-quem é você?”, perguntou, arrojando a mão na clava e forçando a vista. Estava aterrado: a criatura deu um passo em sua direção e uns olhos verde-luminosos olharam-no da cara já não mais lisa, que repuxou a fauce num ronco surdo. Jacó pensou em atirar-lhe a tocha em cima, no entanto engoliu em seco, pois lhe ocorreu a imagem da labareda voando através do corpo do outro. E nesse momento foi atacado. Moveu a clava enroscada na tenda, mas se viu dominado com incrível velocidade, no que foi levantado e jogado ao lado da tocha, que se

afogou. Ergueu-se na treva, de imediato, cambaleante mas novamente em guarda, apesar de não ver nada. Ocorreu-lhe que “aquilo” queria lhe impedir (e a todo seu povo, figurado nele, dentro ainda de seus testículos) que atravessasse o rio. “Mas por quê?” E o monstro surgiu novamente e avançou. Jacó ergueu a clava com as duas mãos mas sentiu um murro de pedra na cabeça, de onde sentiu saírem ondas de manchas e de luz. E os dois rolaram agarrados, nas pedras e charcos, numa luta furiosa, cheia de escuridões, rugidos, rasgões nas carnes, ameaças, relances de mais luzes, gritos. Na oportunidade seguinte, Jacó meteu um golpe na cabeça do inimigo, viu-o desabar de joelhos e danou-lhe golpe e danou-lhe golpe, e tome golpe, e tome mais outro, até que parou exausto, arcaído, penso, aspirando e expirando, aspirando e expirando com força, grunhindo em voz baixa: “Matei-o!!!” Porém imediatamente recuou num repelão atento. Seu adversário mais uma vez se reerguia do leito raso. Jacó viu seu dorso poderoso receber o estrépito da chuva e se levantar. Procurou socorro em volta, mas estava tudo escuro. Tateou uma posição com os pés e agarrou mais a clava. Rangeu os dentes e rrrrruf! — mas a fera se defendeu com a cana do braço e, rugindo, agarrou-o pelos cabelos e arrastou-o pela água, atirando-o de abrupto de cabeça numa lapa. Na investida seguinte do desconhecido, entretanto, Jacó se atracou peito a peito com ele e, numa luta em que agora também mordida, rugia e arranhava, percebeu que começava a levar vantagem. Lutou, sangrando, resistiu durante a noite toda. Até que o outro, mudando toda a tática de combate, no meio da refrega, lhe tocou o nervo da coxa. Jacó, dando um urro, sentiu-a e viu-a se torcer sem clemência numa câibra insuportável, até um estalo truncante, que o aleijou, fazendo-o desabar troncho no rio. Mas não largou o outro. E só então o Ser, diante dele, ainda agarrado por ele, no temporal, se acalmou e pediu-lhe, sem parecer cansado: “Deixe-me, pois já rompeu o dia”. Jacó ansiava por largá-lo, pois, apesar de imóvel, “aquilo” se bulia vivo feito uma corda de caranguejos. Mas exigiu: “Não te deixarei ir se não me abençoaes!”. “Qual é o teu nome?” As dores eram inenarráveis,

mas ele lhe respondeu com um grito de orgulho, a cara de frente pra chuva: “Jjjja-có!”. O Ser monstruoso lhe disse: “Pois eu te digo que não te chamarás mais Jacó, porém Israel, já que como príncipe lutaste contra Deus e prevaleceste”. Jacó o largou, correndo pra trás, atrapalhado: “C-contra Deus?! E... q-qual é o teu nnome?” gaguejou idiotamente. “Por que me perguntas?” disse o Anjo, ou Deus, ou fosse lá que diabo fosse que, abençoando-o em seguida ali mesmo, depois desapareceu na luz da manhã, enquanto já fazia chuva e sol. Israel (que era o antigo Jacó antes da travessia), chamou àquele lugar de Peniel, que quer dizer “A face de Deus”, “Porque eu vi Deus face a face!” exclamou aos gritos, correndo no restante do rio. “E a minha alma foi sal-vaaa!!!”. Do outro lado do Jaboque, um garoto agachado num pátio de arcos vermelhos se levantou surpreso e saiu correndo também, gritando para um velho de cabelos brancos que capinava na chuva: “Vovô, vovô, o Sol saiu!” E o velho disse: “Eu estou vendo...”, no que acompanhou com a vista a carreira de Israel para a terra onde supunha que seria livre. E saiu-lhe o Sol a Israel / quando passou a Peniel.

18 Entretanto, MAIOR QUE TODOS OS GRANDES, Moisés parou diante do mar. E, encurralado pela faixa extensa da água, ouviu o verdadeiro coro wagneriano de seu povo que lhe repetia, entre as dunas: “melhor fora servir aos egípcios como escravos, do que morrer no deserto”. Deslocou-se nervoso, entre as massas de responsabilidades e problemas e olhou para trás. Acostumado com o grandioso, viu que a fumaça do fogo que o guiara até ali, ao subir para o céu, agora, soltava trovões de luz. E que, diante da multidão, ainda vinha o Anjo (talvez o mesmo que lutara com Jacó), mas envolvido numa penumbra espinhenta e sombria. A seguir vinham as crianças magras, aqui acolá desmaiando uma, num defasamento das suas cores com a imprecisão das linhas de seus contornos. O sol, impiedoso, tinha renitente nos metais dos guerreiros, como se quisesse cortá-los a maçarico. Ao fim,

depois das mulheres e antes da retaguarda militar, vinham os feridos, num empastelamento de formas. A multidão inteira de hebreus angustiados caminhava, deixando o deserto revolvido de rastros, de medo e de detritos. Valeria a pena sofrer tanto para se viver numa terra livre? E foi numa fração de segundo, mas fulminante, que Moisés viu, no alto do horizonte, surgir o ziguezague de manchas, ronchas, rodas, cavalos, o agulheiro de lanças, o exército do dragão-faraó que se aproximava disposto a massacrar o exército de Israel e dele tomar o povo escravo. E, de fato, ele vinha pronto para vomitar, cuspir, tossir e rugir fogo sobre aquela gentilha armada e em fuga, perto do Pi-Hairote, diante de Baal-Zefon, junto do Mar Vermelho. De qualquer maneira, Moisés não tinha mesmo saída: ele e seu povo estavam represados pelo mar. Apenas que, maior que esse obstáculo, em Moisés se exercia uma força incalculável de atração jungueana, para um ponto fixo — ou vago — na Terra — como num sonho — cheia de sons de balidos e mugidos — e de címbalos e sombras frescas, saltérios e pastos verdes e danças e carneiros fulvos — puxando para o futuro em Canaã, fosse qual fosse o deserto, mar ou oceano a transpor. E seu olhar colheu, por dentro dele mesmo, as plantações que o seu povo haveria de fazer por lá, no fim do êxodo, que só seria atingido por Josué. “Deus meu!” Moisés disse. “Será que chegaremos?”. Contraíu-se, tão angustiado que, ao fechar as mãos, suas unhas se encravaram nas carnes, fazendo-as sangrar. Seus olhos se cerraram num arrocho duro e todas as juntas de seu corpo estalaram rígidas. Até que não sentiu mais nada. Depois, como se fosse o próprio Cecil B. de Mille sobre uma grua (como um deus ex-machina) e com um megafone junto à boca, Jeová disse: “Moisés: levanta o teu cajado e estende a tua mão sobre o mar e fende-o, para que os filhos de Israel (povo que é o meu filho dileto) passem pelo meio do mar em seco. E eu serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército, nos seus carros e nos seus cavaleiros, e os egípcios saberão que sou o Senhor”. O fogo, de que subia a nuvem que guiava os hebreus, apagou-se e o fumo subiu solto, num fungo desligado — como um balão. Mas as chamas voltaram a se acender por trás da multidão dos fugitivos. O

anjo, como se tivesse um curto circuito, ganhou então uma forte luminescência, que se lhe escapou de todas as dobras do corpo e sumiu-se, tornando a surgir por trás da coluna hebraica. Moisés então despertou. Sentiu uma fita de sangue lhe descer pelas cartilagens da garganta, contornar-lhe a clavícula, e correr ondulando pelas costelas abaixo, fazendo cócegas. Depois outra. E uma terceira listra vermelha. Machucara-se na queda. Mas esqueceu-se disso de imediato. Já se podia ouvir o exército do faraó se aproximando num exagero de percussões, tímpanos, metais, instrumentos de sopro, gritos. A labareça o conteria um pouco ainda, mas não muito. “É agora!”, Moisés pensou. E estendeu o cajado diante do Mar, que se abriu em dois, aprofundando-se no meio até revelar os arrugamentos cheios de algas, rochas, montes de ferro guza trabalhando numa indústria furiosa de espumas e de peixes aluminizados e pululantes. E o grande líder, fazendo um sinal, deu a ordem de avançar, e sua gente o seguiu às pressas, ribanceira abaixo, desatenta à salvação dos pneus dos calhambeques ou dos pés na lama, fascinada ao ver, dentro das duas grandes vitrines de águas laterais, os tubarões e baleias, frotas e frotilhas de peixes, mariscos e caranguejos, polvos e destroços de naus de bucaneiros e flibusteiros das Caraíbas. Quando o exército do faraó se aproximou do abismo aberto, já os hebreus saíam dele, do outro lado, arcados com os pesos dos próprios corpos e sobrecarregados com os das crianças e arcas e das outras cargas que arrastavam nas extremidades de longas cordas — baús cheios de ouro, jóias e juro. Subiam todos, sentindo-se libertos e vivos, pisando em destroços, calhaus lisos, pastas, lombos de animais escorregadios. Primeiro os mais ricos nas suas fubicas. Depois os mais magros, de chapéus desabados e roupas negras, eles passando, de narizes enormes e ossudos, óculos de aros finos, barbas escuras nas caras e nas gargantas, alguns com máquinas de costura nos ombros, coleções de agulhas atravessadas nas lapelas. Um outro, mais atrevido, tocava uma rabeça em cima da carga de um Chevrolet Gigante. E depois que todos os seus saíram, Moisés, vendo o exército egípcio dentro do mar, em seu encaço, botou o charuto na boca — no que ficou evidente sua

incrível semelhança com Karl Marx — fez um gesto de maestro, e as duas bandas de águas se chegaram com estrondo espumoso uma na outra, fechando-se de vez.

19 E JUNTO DO JORDÃO, SOB A CHUVA, JOSUÉ (depois de Moisés já morto), interrompeu o seu avanço com o povo judeu para a Canaã fantasticamente iluminada pelo Sol, do outro lado. E Josué viu: os trigais na outra margem começaram a se mover em ondas e, logo mais, em vagalhões que se escureciam e brilhavam intensamente. De uma fogueira coberta por um telheiro subia um cheiro de carne assada. Subdividida, chegava per fummum às narinas de Deus. Tanto que, repentinamente, gralhas e corvos se espantaram espirrando água e o chão ensopado se moveu com um surdo rumor. “Jeová?!” Josué se perguntou, recuando. E foi derrubado sobre o terremoto mole que descalafetou com um chupão forte pedras de lamas e abriu gretas por onde as águas se despejaram no vazio. Três raios fulguraram e, crescendo como que numa explosão nuclear, Deus começou a se recompor na forma humana: a sólida cabeça, o corpo michelangelesco, o conjunto pesado no ar. Josué, alucinado, tentou ver no vendaval os panejamentos verdes — os cabelos, panos tempestuosamente verdes — o vendaval avermelhando-se, os panos se tornando sangrentos — cabelos e nuvens intensamente sangrentos e agora se azulando. Não conseguiu. E a voz do Senhor, como a de trezentos tubos de um órgão de Johann Sebastian Bach, lhe disse, contra o grande amarelo-ouro que se fez ao fundo: “Josué: neste dia começarei a engrandecer-te perante os olhos de todo o Israel, para que saibam que, assim como fui com Moisés, assim serei contigo”.

— Como se vê — disse Lucas — Josué foi revelado ao povo com um oráculo e uma travessia.

E a tempestade prosseguiu roxa, o vendaval lilás. Quando os sacerdotes pousaram os pés no rio, as águas se recolheram e todo o povo ali passou, debaixo de uma chuva forte e agarrado na ventania, mas a pé enxuto. E todos os guerreiros,

com suas cristas de galos crispadas; couraças de rinocerontes — brilhosas; espadas, facas e lanças — eriçadas em lugar das garras, chifres e presas; flechas nas aljavas (cheias d'água). João criticou:

— Guerreiros, milhares de destruidores, depredadores na chuva, na lama, a caminho do Sol e da posse de um Reino que julgavam ser aquele, conquistável por armas.

— É, mas Jeová falou sobre essa passagem que nisso se conheceria que o Deus vivo estaria no meio deles — sobre-avisou Mateus.

20 E, FINALMENTE, já perto de Jericó — entre os os corpos de animais mortos e troncos boiando e passando, na chuva, Elias tomou a capa pesada de água, dobrou-a e, com ela, feriu as águas do Jordão, que se dividiu em duas bandas, permitindo que tanto ele quanto Eliseu o cruzassem. Eliseu, espantado, caminhou descalço na areia e nos seixos, com toda a atenção incrédula presa no que via. Mas contra a sonolência cheia de trovões, na distância, havia o emperro da realidade próxima: o contato das plantas dos pés com a terra no fundo do rio, a chuva forte no corpo, a voz grave de Elias que, com um timbre hiper-real, lhe dizia: “Agora peça-me o que quiser que lhe faça, antes que eu lhe seja tomado...” Eliseu se viu sem poder falar. Ficou olhando para as massas de água crescendo cercadas por uma barreira invisível, depois para a chuva que escorria no rosto enferrujado de Elias. E Elias insistiu: “Hein, cabra?: que quer que lhe faça?”. “Oh”, e Eliseu conseguiu dizer o pedido com todo o aspecto da mais humana humildade. “Peço-lhe... que haja porção dobrada de seu espírito sobre mim!” Elias parou, com a carranca fechada: “Do-bra-da?!... Mas que coisa mais danada de dura você foi achar de me pedir! Mas... está certo: se você puder me ver quando eu lhe for tomado, assim se fará. Se não, não se fará.” Mal disse isso, as águas do rio voltaram a correr e um rugir voraz de labaredas separou os dois

na chuva e formou um carro de fogo. Eliseu recuou, gritando assustado, mas Elias, sem se surpreender, subiu descalço nas tábuas de brasa acesa, fustigou as crinas de fagulhas e caudas de faíscas e partiu para o céu. Eliseu, sendo visto de cima para baixo por ele, saiu correndo, aturdido com a ligação daquela travessia com a de Moisés, decrescendo na margem do Jordão, rapidamente se encolhendo na distância, sua voz diminuindo sensivelmente, ele gritando: “Meu pai! Carros de Israel e seus cavaleiros!” E Elias desapareceu nas nuvens. Desvalido e escandalizado, Eliseu caiu de joelhos, olhando para o lugar lá no alto, onde seu mestre sumira com o carro de fogo. Agarrou a própria roupa ensopada no corpo e rasgou-a em duas, de um puxão só. Foi quando viu a capa de Elias, desprezada bem próxima, numa touceira. Foi até ela de joelhos, arrancou-a das galhas e, erguendo-se e correndo até o rio cheio, espalhou-a sobre ele, na chuva, como uma rede. “Onde está o Senhor Deus de Elias?” perguntou. O Jordão, como se ouvisse novamente abracadabra ou abrate-sésamo ou qualquer coisa que o valha, dividiu-se em dois, com todos os cadáveres de bois e de bodes, cepas de paus, tufos de folhas — e isso foi visto pelos filhos dos profetas que estavam defronte, em Jericó. E se disse, desse dia em diante, que o espírito de Elias repousava sobre Eliseu.

21 LUCAS SUSPIROU, NO TEATRO. Em seguida fez ver aos três companheiros que o dia em que se comemorava a *pesach* — páscoa, passagem — do Anjo Exterminador matando todos os primogênitos do Egito — sob o signo vermelho do zodíaco — em Áries, regido por Marte, o Deus da Guerra — Lucas fez ver aos três que esse dia, o da páscoa, da travessia do Mar Vermelho, era o mesmo décimo-terceiro dia de Anthesterion, quando os atenienses lembravam o Dilúvio — e o seu Noé, que entre eles tinha o nome de Deucalião. Marcos perguntou Mas por que essa coincidência e ele lhe explicou que aquela era a data em que o Sol cruzava

o equinócio da primavera — isto é — naquela data era que se dava a páscoa do sol. Isto é, novamente: naquela data era que se podia dizer que o sol fora novamente salvo das águas. Assim como Moisés pequenino fora salvo. Assim como o Moisés adulto fora salvo. Assim como Noé fora salvo. E assim por diante. Falou-lhes, inclusive, de uma comparação que fizera entre os capítulos seis e sete do Gênesis e os capítulos um e dois do Êxodo. Era notório: como os homens tivessem começado a se multiplicar, tendo inclusive entre eles gigantes, Deus se arrependera de havê-los criado por causa da corrupção que se espalhava na Terra. Identidade: também o faraó, vendo que os filhos de Israel (isto é: que o povo de Israel) se multiplicavam e se faziam em extremo fortes (Esse “em extremo fortes” denuncia a influência do texto anterior, onde se fala em gigantes — disse Lucas), o faraó pensou em reduzi-los ao mínimo. Deus, então, ordenara o Dilúvio, depurando assim, num ato mais enérgico de selecionamento da espécie, o sangue, as cartilagens e a mente de seu Filho Dileto. Já o faraó ordenou que todos os meninos fossem lançados ao rio. Noé, somente, é salvo, na sua arca “betumada por dentro e por fora”. E somente Moisés, em nova seleção, é salvo, no seu cestinho de junco, “barrado de betume e de pez”. Lucas percebeu: esse novo golpe encontrou Mateus já um tanto anestesiado. E João achou curioso que o povo concebesse que tanto Deus quanto o faraó (na verdade Deus operando através dele), sob o signo vermelho do deus da guerra, Marte, tivessem feito o mesmo tipo de matança impiedosa.

— Mas esse é um modo de ver as coisas muito limitado, João — disse Lucas, sorrindo — O que houve não passou de uma poda/ tal e qual a que se dá conosco/ logo depois da foda/ e riu: você também não foi o único salvo das águas, de seus 250 milhões de irmãozinhos ejaculados pela “baleia” de seu pai? É a mesma coisa. Eu acho que o arquétipo da matança dos inocentes e do dilúvio vem daí. E lembrou aos outros, por outro lado, que era no início da primavera que se iniciavam também as cerimônias de Agrai — um povoado

perto de Atenas — e que essas cerimônias consistiam num banho purificador no Rio Iliso. Mateus lembrou bem: os essênios judeus e todas as religiões conhecidas também praticavam uma cerimônia semelhante, em que o iniciado era imerso nágua. Aliás, esse costume, como João informou, tinha o nome de sabismo — ou de batismo — e fora fundado, entre os caldeus pelo menos, por um tal de Budasp ou Budhisattva. Um dos quatro recordou que os recém-nascidos persas eram apresentados ao fogo, símbolo do Sol e, depois, colocados em bacias d'água, a fim de que, como ocorrera com Jacó após a luta com o anjo, tivessem suas almas purificadas, “salvas” e, como Jacó, recebessem os seus nomes. Mateus lhes falou (lembrando-se de seu próprio caso infeliz) dos “messias” que surgiam sempre em Israel, anunciando o próximo livramento do povo, movendo-o a segui-lo ao deserto, prometendo fazê-los passar o Jordão a pé seco, tal e qual Josué, Elias e Eliseu o tinham feito. Como o povo de Israel tinha feito para chegar a Canaã. E disse que eles argumentavam ser essa passagem o verdadeiro batismo, que haveria de iniciar cada um dos seus fiéis no Reino de Deus. E poderia parecer uma loucura essa tentativa de relacionar todos esses dados se no Sábado de Aleluia dos primeiros cristãos — na véspera da páscoa, portanto, — não se batizasse entre as frestas claras nas sombras das florestas, começando-se essa cerimônia pelo toque dos narizes e das orelhas dos catecúmenos, dizendo-lhes o que Moisés, Josué ou Elias teriam dito diante das águas, naquela data sagrada: “Ephpheta”: abri-vos. Depois do que o bispo benzia o banho cujas águas, segundo Santo Ambrósio, simbolizavam — note-se isso — os mistérios da Escritura, tais como a Criação, o Dilúvio, a passagem pelo Mar Vermelho. E dizia-se a seguir, mais ou menos o que Deus costumava dizer aos seus líderes — que Deus Padre Te Há Marcado Com O Seu Selo. (E a finalidade da travessia era exatamente essa). Em seguida o novo cristão ia receber o pão dos anjos, dizendo que entraria no altar do Senhor, do Deus que alegrava a sua juventude. Como o herói entraria no seu reino, em Canaã.

22 Foi Mateus (foi meu pai) quem deu ao cunhadinho (quem me deu), de presente, o livro “Primeiro Encontro Com A Arte”, das Edições Melhoramentos. Nele o menino se deparou (eu me deparei) com a pintura universal, espalhada pelos grandes museus do mundo — e o belíssimo Auto-Retrato do Artista Com A Barba Nascente, de Rembrandt, que estava — por incrível que pudesse parecer — logo ali, em (São Paulo) em Cesaréia! Pronto!: aquele era o Filho Dileto que a Grande Arte e a Revolução inacessíveis lhe enviavam. E Lucas insistiu tanto que Sara acabou por levá-lo (minha irmã me levou). E foi um deslumbramento de várias horas. O garoto, que vivia preso em casa vendo o mundo apenas pela janela, a realidade como que reduzida de 35 para 16 mm, subitamente viajava para conhecer de cara-a-cara um Rembrandt! Mas estava-se fazendo uma reforma em parte do edifício e a sala onde o Auto-Retrato devia estar exposto, estava fechada (isso é fantasia). “Mas isso é que é um azar!”, Sara lhe disse. Entretanto, dentro de alguns minutos Lucas iria se chocar com a diferença estúpida entre o peso de dois tijolões que um velho vinha carregando em direção à porta fechada e a leveza de seus cabelos brancos. (Isso se deu diante de uma igreja antiqüíssima, que estava fechada, dez anos depois, em Olinda) Lucas foi ao seu encontro e lhe ofereceu ajuda. Depois de alguma insistência recebeu o peso duplo que, como chumbo, puxou-lhe os braços e os tendões das costas para baixo. Seguiu o velhote (um frade holandês), de pernas abertas, oscilando, teso e curvo, até a porta. Trocou um olhar com Sara, que lhe sorriu fascinada. E, tenso, viu o salão: vazio. Cruzaram por uma outra sala e mais outra — vazias. “O-onde está o Auto-Retrato de Rembrandt?”, perguntou enfim. E o velho lhe dirigiu um olhar de quem finalmente compreendera a verdadeira intenção do oferecimento de ajuda (abrir a igreja antiqüíssima) e prendeu o riso. Aproximaram-se de um batente e ali pararam: na beira de um abismo! Dali para o outro módulo do edifício em reforma, havia somente uma tábua feita ponte e Lucas tremeu, engasgado: “Vamos ter de passar por aí?”, disse. “Ôh, compreento”, respondeu-lhe o velho, gozando, “é naturrral: focê

ficou com mêto”. Entretanto, na parede em frente, sem nem parecer existir um precipício debaixo deles, pedreiros rigorosamente uniformizados se movimentavam distribuídos pelos andaimes, como se fossem um mesmo personagem espalhado, repetido pela página de uma estória em quadrinhos colorida. Nenhum deles tinha medo. Imaginou Lucas se Sara estivesse ali: não iria deixá-lo passar, é claro. Mas ela ficara lá, no salão. “O quadro está mesmo lá do outro lado?”, perguntou, com os tijolões nas mãos. “Está sim”, assegurou o velho. E Lucas atravessou a ponte (e toda vez que contava isso, arrotava sigilosamente). E viu o retrato! E ficou tão comovido no seu transe, diante daquele olhar tão absurdamente vivo olhando-o de seu século XVII — aquele olhar solitário e eterno, de gênio, de rebelde e de herói, que Lucas murmurou, ainda com os tijolões nas mãos, esquecido do velho: “Ô, meu Deus: eu nunca chegarei a ser como ele! Nunca!”. E o velho lhe disse: “Orrra, caroto: há tanta xente que non chêca!” E Lucas lhe disse: “Eu sei. Mas em mim isso dói muito...”

E do dia em que vi o quadro no Museu de Arte, em São Paulo, desse dia em diante comecei a me trancar no escuro... de bruços na cama... traumatizado com a inacessibilidade da Libertação, da Beleza, da Verdade, só atingíveis, compreendia isso, com uma tremenda Revolução que me sentia incapaz de fazer. Pois chegara à conclusão de que seria indispensável ter sido eu, e não outro, o autor daquele Auto-Retrato. Eu, e não outro, é que teria de ter produzido o Monumento Colleone, de Verrochio e os Burgueses de Calais, de Rodin. O Absinto, de Degas e a Guernica, de Picasso. É que deveria ter sido eu, e não outro, o autor do Diálogo Acerca Dos Principais Sistemas do Mundo, de Galileu e da Teoria da Relatividade, de Einstein. Deveria ter sido eu, e não outro, o autor de Guerra e Paz, de Tolstoi e do Júlio César, de Shakespeare. Dos Concertos Brandenbureses, de Bach e da Revolução de 1917, de Lênin. Parecia-me que aquele desespero infeliz nascera comigo feito um pecado original, mas que deveria ser o ponto de partida para qualquer coisa de muito grande, embora ela me parecesse vaga e distante como o Planeta Mongo. E me angustiava.

Pois, por mais que tentasse se comunicar com... não sabia o que...: uma voz... daquela Totalidade Perdida... quando supunha que o conseguia era como quem recebesse um telefonema vital de muito longe, tendo de dialogar aos gritos, chamando a atenção de todo mundo em volta, como se estivesse louco. Até que Lucas concebeu a idéia de criar um Cristo que encarnasse a total superioridade humana, apesar da própria mutilação que sentia. E Lucas começou, como Aleijadinho, a trabalhar naquela obra genial.

23 JOÃO, ENTRETANTO, NO TEATRO, PONDERAVA QUE TALVEZ NÃO FOSSE CONVENIENTE FAZER O CRISTO ABRINDO E ATRAVESANDO TAMBÉM AS ÁGUAS, fossem as do Jordão ou do Mar Vermelho, porque já vira, numa comédia de Menandro, a gozação que se fazia de Alexandre, a quem se atribuía, também, uma retração do mar, por favor divino, devido ao seu rapidíssimo avanço na Panfília. E que talvez fosse mais seguro usar o senso comum: havia o simbólico batismo, já universalizado. Bem. E o profeta Malaquias predissera que Elias viria antes do dia terrível do Senhor. Em outro lugar dissera que viria não Elias, Elias mesmo, mas um anjo, que seria esse mesmo Elias. Este Anjo, então, provocaria uma réplica do encontro de Jacó no Jaboque, onde acabara recebendo o nome de Israel (que terminou sendo o de todo o seu povo, que Deus chamava de Filho Seu, Primogênito e Dileto). Lucas mostrou então, no mapa do céu, o desenho do signo que se via logo depois de Capricórnio: ó desenho que, na verdade, inspiraria a cena do batismo: o de um homem derramando água de um aquário.

E bastou que se lhes vestissem de pêlos e lhes cingissem os lombos de couro, como Elias vestia e cingia, para que obtivessem o João chamado de o Batista. Foi então que Marcos teve a idéia providencial. Disse que para Numa Pompílio fora feito um milagre maior do que até mesmo o de Moisés. Maior do que abrir o mar?, perguntaram-lhe os outros. Maior, disse Marcos, orgulhoso. E lhes informou que, segundo “Os Fastos”, de Ovídio, Júpiter proporcionara a Numa Pompílio “claros abonos de Império”, fazendo com que um profundo fragor de súbito estrondasse no céu sem nuvens, com três relâmpagos e trovões, antes que — Vejam se isto não é um portentoso — Antes que *os céus* se abrissem ao meio (e isso não é imensamente maior do que abrir o mar?) e dele descesse um escudo — por causa da constelação do Escudo, disse Lucas — e depois do que, conforme Ovídio, “alta celeuma subiu uníssona ao pólo”. E os quatro se puseram a reformular esse conto, a reelaborá-lo, aglutiná-lo à sua narrativa. Concluiu-se logo que para Numa Pompílio um escudo vindo do céu viria a calhar, mas, ponderou-se, o Cristo não seria um guerreiro — o que fez Mateus reagir novamente muito mal. Lucas lembrou, então, que no batismo do gênero humano, que fora o Dilúvio, uma pomba (a constelação que, como ele já lhes havia mostrado, fica junto da do Navio e da do Corvo) era que servira de mensageira de Noé. Seria ela, então, que surgiria da abertura dos céus e, como o profeta dissera a respeito do Messias: sobre ele repousaria o espírito de Sabedoria, de Inteligência, Conselho, Fortaleza, Conhecimento e de Temor de Deus, pois fora na travessia conseguida por Eliseu que se atestara a presença nele do espírito de Elias em porção dobrada. João adiantou, a propósito, que na religião egípcia muitas vezes a imagem da deusa-mãe, a sua principal divindade, vinha acompanhada de uma pomba, que representava a inspiração divina e a força. Então estamos mesmo caminhando em trilha segura, disse Lucas sorrindo. Marcos lembrou: e o que seria dito nesse encontro do batismo? João lembrou-se novamente de Alexandre o Grande e disse que ele, depois de atravessar o deserto, entrara no templo de Amon, no Egito, e que o profeta do Deus, sabendo um pouco de grego e querendo recebê-lo bem, pensara numa frase de

saudação à sua altura. Concluiu que “Ó meu caro Filho” não ficaria mal: “O Paidion”, em grego. Mas, por um erro de pronúncia, em lugar disso, teria dito: “O Pai Dios”, que significa: “Ó Filho de Deus” — o que muito teria agradado ao visitante. Tanto quanto, segundo Mateus, teria agradado a Davi escrever nos Salmos que Deus lhe dissera Tu És Meu Filho, Eu Hoje Te Gerei; ou, como disse Lucas — teria agradado a Isaías escrever que o seu povo era o Eleito de Deus, em Que Se Comprazia A Alma Divina e em Que Ele Depositava O Seu Espírito. E foi um somatório de tudo isso que resultou na cena acabada, do batismo de Cristo. Vejam-na — disse Lucas — Desçamos voando ao vale, passemos agora pela leveza das poucas nuvens em suspensão e prossigamos até bem fundo. Olhem lá, entre as descidas onduladas e azuis de istmos, golfos e cabos, na margem oriental do Jordão: aí está, à nossa frente, o homem de Aquário, vestido de pêlos e com os lombos cingidos de couro, como Elias — ele, o “Anjo” de Deus — encontrando-se com o Cristo Jesus — como já se encontrara com Jacó no Jaboque — e anunciando a próxima primavera do mundo, em que o Sol brilhará de vez. E o Homem do Aquário anuncia: “Eis que o Cordeiro de Deus (isto é: o Áries), que tira os pecados do mundo, chegou”. Sobre ele os céus de repente se abrem e do alto desce uma pomba — a inspiração divina — e uma voz brada — estrondando como os trovões secos de Numa Pompílio — que Este É O Meu Filho Amado, Em Quem Me Comprazo — dando-lhe assim “claros abonos de Império”.

24 E o povo tinha ali, agora, diante de si, o seu Messias! Alto, louro, pele bronzeada, os olhos cinzas, conforme Mateus, e moreno e de olhos verdes, conforme Lucas. Desatarrachava com alguma dificuldade e agora desrosqueava rapidamente um vidro de remédio para uma velha cega, e era como se Deus manejasse mãos mecânicas (de outra sala) destampando um vidro de conteúdo altamente contaminado. Seus olhos e ouvidos, seus sentidos todos tinham acabado de des-

pertar no Batismo. Passou as mãos pelas sobrelhas, para enxugá-las mais um pouco da água do aquário. E tentava, disfarçadamente, meio zozzo, solver o problema do real em termos humanos, sem se deixar desesperar. Tentava interpretar aquele raio de cerca de cem metros da realidade mais próxima, da qual era o centro. E o primeiro impacto foi ao ver com outros olhos aquilo que para nós é a Beleza. Olhou com um esforço de míope para o rosto de uma jovem mulher que havia meia hora lhe parecera tentadora. Viu-lhe na parte anterior da cabeça a excrecência do aparelho digestivo pintada de vermelho. Brincos pendendo-lhe das excrecências do aparelho auditivo. Observou o sinal feito a lápis na excrecência do aparelho respiratório e olfativo. E . . . sentiu um baque no estômago: em volta todos agiam despreocupadamente, como se já não tivessem desaparecido a 300, 600, novecentos milhões, bilhões, trilhões de anos. Como se ainda não fossem aparecer se não dali a séculos. Impressionou-se extraordinariamente com o uso que faziam do Verbo: cochichava-se, gritava-se, gemia-se, pedia-se, implorava-se, ordenava-se, arrotava-se. Ouviu palavras. E Cristo viu a vida: no espaço, feito bolha na iminência do silencioso espouco e do súbito sumiço. Pensou no Império Romano e nos outros impérios, e nas dinastias das Ditaduras. Na Fome e Na Ignorância. Na Doença e na Injustiça. No monólogo de Hamlet. E teve pena do gênero humano. Compreendeu mais a fundo ainda: que nós, como os bois de um engenho antigo, andamos sempre à roda, fazendo girar uma pua que nunca se enrosca, que nunca se arrocha, que jamais se atarracha. Enquanto isso, nós, num longo trem de dias vazios, vagos e vagões, puxados por uma locomotiva — um louco motivo, quase sempre — avançamos pelas estações dos anos sempre os mesmos e elas sempre as mesmas, num verdadeiro e falso recomeço e para um destino que não poderá, jamais, sair do mapa nem dos trilhos, e com uma duração aparentemente infinita — até que chegamos ao fim da linha. The End. E como se chama isso, Senhor?: Trans-dali-de-onde-viemos-até-ali-para-onde-vamos: vidinhas. Os melhores anos de nossas vidas. Ou vidas secas. Vidas amargas.

Mas o povo tinha ali, agora, diante de si, o seu Messias em carne e osso, como fora anunciado pelos profetas. E a esperança era grande.

25 Numa noite, vinte anos antes, disparando na grande motocicleta romana, Mateus surgiu como um bólido, vindo de uma esquina escura, o farol aceso, no que foi metralhado, tombou para um lado e a moto se suspendeu no ar, estorcendo-se e girando solta no espaço, com o facho de luz cruzando em todas as direções. Ele rolou no chão e a máquina caiu com estrondo e se arrastou rilhando entre faíscas nas pedras do calçamento, sem parar de rugir. Em volta, a batalha era insana. Os aviões davam rasantes, os tanques se aproximavam, e o procurador do Império Romano berrava no telefone para Herodes que aquela guerrilha urbana tinha de ser esmagada custasse o que custasse! Uma descarga de TNT fez explodir um edifício e o arreganhou no ar. Mateus, ferido, viu alguns de seus homens sendo esquartejados entre um passo e outro, num clarão explosivo. Viu um romano de cara enfurecida, enfurnada no capacete, correr para a sua moto, no que foi desintegrado entre fumaçarões, clarões, e deslocamento de ar. Mateus se levantou, olhou para a motocicleta que ainda estava funcionando, o farol aceso arregalado para o chão, como o olho de um touro doido. Fez que foi mas não foi, inspirou fundo e correu. Chegou à máquina, ergueu-a de vez, montou-a e disparou em frente, inclinando-se logo à direita, dobrando o último armazém, saltando sobre os escombros e corpos. Pelo retrovisor viu que era seguido pela prodigiosa beleza de quinze máquinas romanas. Olhou as capas em movimento, os ombros, omoplatas, cilindros, raios e canos polidos — pneus vermelhos. Dirigiu a moto para fora da rua, saltando com ela no meio-fio e enveredando pelo jardim adentro, cruzando a floresta de flores, destroncando pescoços de girassóis na passagem e de repente se viu diante de mais motos romanas vindo em sentido contrário. Houve um encontro de caras, cortes sangrentos, rodas, ferros, e a moto de

Mateus acabou rodando espetacularmente em torno de si mesma, como um cão atrás do rabo e ele desabou sobre ela, como de um cavalo. Fez menção de se levantar para correr, mas ouviu quando lhe gritaram “Pare!” e compreendeu que somente um verdadeiro messias se poderia lançar contra um poder como aquele de Herodes, acobertado por todo o peso do Império Romano.



Wanduir Durant

26 E os espíritos do Mal vieram da região dos gelos, da aflição e da Morte, para atormentar também Zoroastro. Carregavam consigo as misérias e a peste e a guerra, erguendo à sua passagem, nos campos, um incêndio verde, em que os ciprestes erguiam labaredas de núcleos purpúreos que consumiam a luz com voracidade, enchendo o céu de sujeiras, tornando as cidades em sucatas e as montanhas

em minas abandonadas. Ahriman, o chefe, gritou para os seus demônios: “Matemos o Justo, pois se ele viver, morrerá o Mal!” Zoroastro, que viu isso, preparou-se para o ataque, vestindo a couraça da retidão e brandindo o sabre da Verdade. Ahriman apeou das caudas crinas troncos pedras lanças patas visgos babas gritos (gemidos e remelas) e investiu contra ele, arrastando o lixo que era a sua sombra. Os dois combateram, feito Jacó e o Anjo, e Zoroastro venceu. Ahriman se retirou com a idéia de fazer um conclave com sua hoste e voltou para o grande teste seguinte. Chegara à conclusão de que só uma mulher muito da boa poderia seduzir e assim destruir seu inimigo — o que vale dizer que conseguiria fazer com que seus sentidos o traíssem. Imediatamente fez recolherem-se do próprio corpo as pústulas, bolhas fétidas e os escarros. Uma série de sombras moles se ergueu do chão, modelando-o com a lama emporcalhada num par de coxas sensuais, em cujo topo e junção a lisura da carne de (agora) pêssego e cereja, se engoliu numa fenda justa e funda, mas aparentemente pura, se bem que atrativa como o caralho. Durante essa metamorfose Ahriman cuidou também da voz horrorosa, fabricada entre rochas quebradas e cavernas — urros em canyons. Referveu-a e reduziu seu volume, suavizando-a num irresistível sex-appeal. E todo o calor em volta, o mormaço preguento de chupadas e fodas se esfriou e secou, virou-se no avesso, do que se exalou um perfume de mulher recém-saída do banho, bela e nua. Assim disfarçado em Spendarmat — a deusa dos segredos e pecados — Ahriman tentou o profeta. Inutilmente. Com o nome de Dalila, entretanto, a coisa correu diferente. “Meu pai”, foi o que Sansão disse, segundo Lucas, ao velho Manoá. Eu vi uma mulher em Timnate, das filhas dos filisteus e agora pois, tomai-ma por mulher”. Manoá, entretanto, berrou, escandalizado: “O quê?! Será possível que entre as filhas de teus irmãos e entre todo o meu povo não haja uma mulher o suficientemente boa para que você vá tomar mulher dos filisteus — quase perdia o fôlego — esses incircuncisos?”

— Mas o pai de Sansão não sabia — foi o que Lucas explicou — que, conforme o Livro dos Juizes dos antigos hebreus, Isto Vinha Do Senhor, Porquanto, Naquele Tempo,

Os Filisteus Dominavam Sobre Israel. E com esse amor que acabaria em tragédia, pretendia destruí-los. E os destruiu.

— Mas você quer dizer que Deus *ten-tou* Sansão?! — Mateus perguntou-lhe.

— Eu diria: *tes-tou* — disse Lucas — Mas não sei por que você estranha tanto isso. No próprio Gênesis se lê claramente: *Tentou Deus a Abrahão*, quando mandou que ele matasse o filho Isaque.

— É, você tem razão.

— Claro: a tentação é um teste. Onde se vê que Deus *ten-tou*, leia-se *tes-tou*. Porque ele testou Isaque, dando-lhe a terra que disse para habitar, e a Jacó testou com o Orvalho Dos Céus E As Gorduras Da Terra e Abundância De Trigo E De Mosto, e a Moisés ele testou prometendo-lhe Uma Terra Boa Que Mana Leite E Mel, e a Josué ele testou dizendo-lhe que Todo Lugar Em Que Pisasse A Planta De Seus Pés, Desde O Deserto Até O Grande Mar Para O Poente Do Sol, seria dele. E Ciro também foi testado, de acordo com a “História” de Heródoto, quando Hárpago lhe deu, por carta, o conselho para que derrubasse Astíages — seu avô — e lhe tomasse todos os Estados.

E o céu atormentado e cheio de rumores sinistros fez com que o campo imensamente largo e vazio ganhasse uma luz amarelada e intensa. Nela, Sidarta — o futuro Buda — galopava a toda velocidade — porque acabara de deixar o palácio, a mulher e o filho. Mas, de repente, seu animal parou e se ergueu nas patas traseiras, recuando ante o Tentador da Humanidade, que encheu, terrível, toda a expansão do céu à terra, bramindo a palavra que preencheu de ronchas de luz podre cada canto escuro que encontrou: fossas nasais, pupilas, ventas, a sombra de cada touceira, furna ou crina. E a sua ordem era: Volta E Torna-Te Rei E Eu Te Farei O Maior Dos Reis. Volta — isso era o que Mara queria — e, se Prosseguir, Haverás De Fracassar, Que Nunca Te Abandonarei Os Passos: Que A Cobiça, A Malícia Ou A Ira Te Trairão Em Algum Momento Inesperado E Mais Cedo Ou Mais Tarde Hás De Ser Meu! Entretanto o espírito indiano sempre se inclinou a crer que o poderio e a Sabedoria são mais seguramente atin-

gidos pelo extremo ascetismo, e Sidarta Gautama, como Elias e Moisés, pôs isso em prática. Tomou cinco discípulos e foi para a jângal, numa garganta das montanhas de Vindhya e ali se entregou ao jejum e às mais estapafúrdias autoflagelações. Até que o cérebro de Mara, impotente de ódio, ao se ver derrotado se rachou como que com um terremoto — e se desintegrou. Seus carpos se desligaram dos metacarpos e todos os ossos se lhe saltaram. As mãos lhe caíram dos pulsos. O antebraço escapou do cotovelo. As costelas estufaram, acabando por espoucarem.

— Meu Deus — disse Lucas — isso é fantasia minha! Mas veja!, vejam-lhe as rótulas pulando de seus joelhos e ele caindo, uma fumaça negra subindo de seu cadáver, desferindo raios e trovões! . . .

Mateus, João e Marcos olharam assombrados para o ponto que ele lhes indicava.

— Isso tudo . . . isso tudo surge quando aparece o signo de Peixes — Lucas prosseguiu, depois de tomar um tranqüilizante — Signo esse que inclui na sua casa a constelação que é a da Baleia, ela que foi o grande peixe — o monstro marinho que vomitou Jonas. E é esse monstro que tem interessado a todos os criadores de mitos solares. Na lenda de Édipo, apenas como exemplo, ela assume a forma de uma esfinge e impõe uma condição ao herói: decifra-me ou te devoro. Este é o grande teste antes do início da missão.

— Você já leu os Ditos E Feitos Memoráveis De Sócrates? — João perguntou.

— Não — mentiu Lucas.

— Xenofonte, já citando Hesíodo, como aliás também Platão o fez, diz que o caminho do vício é fácil e o da virtude, é claro, difícil. E conta que Hércules, logo que deixou a infância, Nessa Idade Em Que Os Jovens, Já Senhores De Si, Deixam Ver Se Entrarão Na Vida Pelo Caminho da Virtude Ou Do Vício, retirou-se para a solidão, a fim de Meditar, no que foi tentado pela Perversidade, que lhe prometeu prazeres sem conta, à custa do trabalho alheio.